Revista literária pontelimense

Directores:

JÚLIO DE LEMOS E SEVERINO DE FARIA

N.º 7 — ABRIL DE 1913

SUMÁRIO:

Edição e propriedade da empresa da LIMIANA — Redacção e administração, Rua de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, 90, Viana-do-Castelo. — Composto e impresso na oficina de José de Sousa, Rua de Cândido dos Reis, 31, Viana-do-Castelo.

António Pereira Rêgo

Insigne escritor lhe chamou o Dr. Manuel Gomes de Lima Bezerra, na sua conhecida obra «Os Estrangeiros no Lima» (1). Não me parece, porêm, que tal qualificativo corresponda precisamente á verdade, — antes penso que êle sirva apenas de mostrar-nos o erguido aprêço que o ilustre pontelimense merecêra ao notavel polígrafo, seu conterráneo e, porventura, amigo.

Clássico o julgou Inocêncio, no «Dicionário Bibliográfico» (2) — e na realidade assim o podemos considerar (3), pela pureza do seu estilo claro e acomodado e pela erudição que revela e lhe proporcionou a propriedade que o caracteriza, tam exacto é aquêle conceito do Dr. António Ferreira, o dos «Poêmas Lusitanos» :

Do bom escrever, saber primeiro é fonte.

Nasceu o meu patricio no lugar de Faldejães, freguesia de Arcozelo, aros da vila de Ponte-do-Lima, em 1628 (4), sendo seus pais Fernando Pereira Rêgo e Margarida Salgado (5) ; e morreu em 1692.

O abade de Mujães, licenciado Jerónimo da Mota, que o conheceu e fez dêle o elogio numa composição métrica que denominou «romance», retrata-o destarte :

Donde o Lima a ponte morde
com dentes de cristal fino
. . . .
Antonio Pereira Rego

(1) Tomo 2.º, pag. 304.
(2) Tomo 1.º, pag. 231.
(3) Por isso foi incluido no *Catálogo* da Academia.
(4) Diligenciei arranjar o termo de baptismo. Na paróquia só teem os assentos desde 1835; e no cartório dos livros findos (Fontoura, Valença) êstes alcançam só o ano de 1642, como gentilmente me informou Mgr. Constantino de Barros.
(5) *Biblioteca Lusitana,* tomo I, pag. 348.

nasce, e desde menino,
em vez da cana pueril,
montou os brutos altivos.

De ilustre sangue gerado
e de acções heroicas filho.
A natureza oficiosa
o fez de mil prendas rico.

Logrou entre os outros dotes
. . . .
uma viril gentileza.

Com trombetas, caçadores,
lanças, tiros, cães temidos,
é o flagelo das féras.

Um tempo seguiu da guerra
o perigoso exercicio
quando das veias de prata
correu sangue o nosso Minho.»

Vê-se que foi monteador e cavaleiro destemido e elegante, — tam elegante, que uma prima dêle, madre Mariana da Glória, do convento de Val-de-Pereiras, não hesitou em revelar-lhe sua férvida admiração :

«Se vos louvo, vos ofendo,
com engenho e metro escaço,
mas não olheis ao que faço,
senão só ao que pretendo
. . . .
que quem vos viu a cavalo,
não tem mais que desejar.»

A familia desvanecia-se com a reputação dêste parente. Seu sobrinho, Dom António de Amorim Pereira, comendador da Ordem de Cristo, declarava numas décimas :

«Não sei qual vos faz maior
no mundo, que vos aclama,
se de cavaleiro a fama,
se o crédito de escritor.»

Êle próprio confessou que usára a arte de cavalgar até ser nela mestre:

«Desde os meus primeiros anos comecei logo a versar a arte de cavalaria no teórico, exercitando o prático; o que lia, reduzia a obra, e alguma cousa, que observava obrando, acrescentava ao que lia. O que era inclinação se me fez uso e vida, e mais horas gastei neste exercicio que em todas as outras humanas ocupações. Do que li e pratiquei, fiz esta suma, que publico agora, não por ostentação própria, senão para comodidade alheia. O desejo é de aproveitar . . . . . .» (1)

A indicada suma intitula-a *Instrucçam da Cavallaria de Brida. Tratado unico. Dedicada ao Invicto Martyr S. Jorge, Tribuno da Milicia Romana, Defensor da Igreja Catholica, antigo Padroeiro de Portugal, por Antonio Pereira Rego, Cavaleiro da Ordem de Cristo, com um copioso Tratado de Alveitaria.*

No respectivo Prólogo, diz isto:

. . . «fui obrigado de amigos e animado de doutos a fazer público êste mal limado volume, que ordenava mais por curiosidade própria, que para doutrina alheia.»

E adiante:

. . . «no nosso vulgar se não tem até agora escrito com a clareza que demanda a cavalaria de brida. Por esta causa, intitulei êste papel *Instrução da Cavalaria de Brida*, porque sirva de rudimentos a muitos que chegarem depois aos primores da arte, que outros lhe escreverão mais scientificamente.

Ajunto tambem uma recopilação de toda a Alveitaria, por se não haver escrito no nosso idioma com as clarezas que hão mister os alveitares . . . . . . Para esta recopilação, que intitulo *Súmula*, elegi as opiniões mais seguras de todos os autores de alveitaria que adiante refiro no princípio dela, assim estrangeiros, como naturais, que melhor escreveram em diversas linguas desta arte veterinária.»

---

(1) Dedicatória *A S. Jorge*. Este passo condiz com outro da Introdução da *Súmula da Alveitaria*:

«A inclinação, que desde a menoridade tive á cavalaria, em cuja ocupação dispendi a maior parte do tempo» . . .

A obra foi impressa em 1679 (oficina de José Ferreira, impressor da Universidade, Coímbra) e teve mais quatro edições, alêm dessa, todas igualmente impressas na cidade mondeguina: uma em 1693 (oficina de João Antunes); outra em 1712 (mesma oficina); outra em 1733 (oficina de José Antunes da Silva, impressor da Universidade); e a última em 1767 (mesma oficina) (1).

Aludi, acima, á cultura de Pereira Rêgo. De feito, inequivocamente a demonstrou — e o seu livro prova que êle possuía Séneca, Ovídio e outros autores da mesma elevada categoria.

Como Barbosa Machado, Inocêncio e Ricardo Pinto de Matos registam, o meu patricio pertencia á Ordem de Cristo.

A carta de hábito — cuja cópia a *Limiana* obteve por intermédio do meu querido amigo e ilustre publicista e arqueólogo sr. tenente-coronel Cunha Brandão — é do teor seguinte:

«Dom Affonço &. Como g.[or] e perpetuo administrador q. sou do mestrado, cauallaria e ordem de nosso S.[or] Jesuxp.[to] faço saber a uos R.[do] Dom prior do conuento de Thomar q. he da mesma ordem ou a quem o mesmo cargo seruir q. Ant.[o] P.[ra] rego me pedio por m.[ce] q. por q.[to] elle deseiaua e tinha deuoção de seruir a nosso S.[or] e a mi na mesma ordem ouuesse por bem de o receber, e mandar prouer do habito della, e antes de lhe fazer m.[ce] e o receber á ordem habilitou sua pessoa diante do presidente e deputados do despacho da meza da Conciencia e ordens, e juiz dellas, e porque me constou p.[la] habilitação q. se lhe fez segundo fórma das definições e estatutos da d.[a] ordem o d.[o] Ant.[o] Pereira rego ter as partes pessoaes, qualidade e limpeza q. dispoem os definitorios da mesma ordem conforme a ellas p.[a] ser prouido do habito da mesma ordem, e por esperar q. nella poderá fazer muitos seruiços a nosso S.[or] e a mi, hei por bem e me praz de o receber á ordem, e por esta uos mando dou poder e comissão p.[a] q. lhe lanceis o habito dos nouiços della nesse conuento segundo fórma das definições e estatutos da d.[a] ordem, e o fareis assentar no L.[o] da matricula dos caualeiros nouiços della com declaração do dia mes e anno, e lhe passareis certidão na fórma costumada, e esta

(1) Dessas edições (menos a de 1767) existem exemplares na Biblioteca Nacional e na Bibl. da Ajuda. Na Bibl. da Univ. de Coimbra existe sómente a 1.[a] edição.

carta mandareis guardar na arca q. está deputada p.ª guarda das cartas dos habitos, q. os mestres gouernadores da ordem mandão lançar nesse conuento e se cumprirá sendo passada pela Chanç.ª da Ordem. Nicolau Carualho a fez em Lx.ª aos uinte e noue de agosto de seiscentos sessenta e dous. João Carualho de Miranda a fez escreuer. ElRey.»

(Codice 47 da Chancellaria Antiga da Ordem de Christo, a pagg. 273 e 273v (1).

Júlio de Lemos.

A TRISTE COUSA

Elle era trovador, e não obstante
Julgava o amor ethéreo uma mentira,
Assumpto apenas necessario á lyra;
E só ao natural amou constante.

Cançado, como um velho caminhante,
Mortiço o fogo da amorosa pyra,
Eis o que respondeu á doce Elvira,
Que insistente o queria por amante:

«Debalde o amor n'esse teu peito arde:
Vales mais do que as minas do Perú,
Mas eu não posso amar-te: agora é tarde.

«Eu vou no occáso; estás na aurora, tu;
Illudir-te seria de covarde:
Eu proprio não me atrevo a olhar-me nu!»

(Dos *Echos do passado*). João Penha.

(1) Na última pag. (273v) seguem-se dois alvarás da mesma data: um para ser armado cavalleiro; o outro para a profissão. Eram as cerimónias que se seguiam á concessão do hábito.

A pag. 343, um alvará concedendo-lhe a pensão de 30$000 réis pelos seus serviços em campanha; e a pag. 385, 390 e 391 outro alvará, prendendo com o antecedente.

O Funchal [1]

[CARTAS INÉDITAS DO DR. NARCISO ALVES DA CUNHA]

I

Meu querido am.º

D'aqui a trez horas, pouco mais ou menos, devo estar no «S. Miguel», singrando o Tejo com prôa á Madeira.

Vou beijar a perola das nossas possessões e do Oceano, como a denominam os inglezes.

Entre a natural impressão de quem, pela primeira vez, vae ser embalado pelo cantado marúlho das ondas, e o afastamento de pessoas queridas e amigos bem lembrados, sinto-me bem disposto em presença d'esta nova *ètape* da minha vida.

Entretanto, não se pode ser indifferente a este esfusiar, vertiginoso, de sentimentos e ideias, que assaltam o espirito de quem, aos sessenta annos, encara, sem receio, nem hesitações, o trabalho, como sendo a unica e lídima grandeza do ser humano, consciente e livre.

Vem tudo isto a proposito para lhe dizer, meu querido Julio de Lemos, que, ao deixar o continente, é o meu bom am.º com quem quero conversar estes minutos, porque o sei um infatigavel e honesto trabalhador, e um amigo estremôso e devotadamente sincero.

. . . .

Do Funchal lhe escreverei.

Para terminar, peço m.tos beijos para o seu Miguel e saudades p.ª a Licinia.

Um abraço do

Seu velho am.º

Lx.ª, 20-8-912. NARCIZO.

(1) Pertencem a um alto e nobre espírito recem-emudecido as belas cartas que, sôbre o Funchal, a «Limiana» vai inserir.

Foram endereçadas a um dos seus directores e, claro é, escritas despreocupadamente, para ficarem no coração de um amigo dilecto e não para vêrem, algum dia, a luz pública.

O pobre, o querido, o sempre vivo Dr. Narciso! Mal cuidava êle, ao traçar essas impressões da viagem que fez á Madeira, que nos dirigia o seu derradeiro adeus espiritual! . . . — J. DE L.

II

Meu querido Lemos.

Cá estou, no Funchal, de saude, sem incommodos de enjôo, que o não tive, tendo fundeado o vapor ás 5 da manhã e eu saltado em terra ás 7.

O «S. Miguel», da Empreza Insulana, é um vapor pequeno, mas limpo, regularmente confortavel e bem commandado.

Entrei para elle no dia 20 do corr.te, ás 11 horas da manhã, e instalei-me no camarote n.º 3, beliche n.º 10, da 2.ª classe, pela quantia de 15$150 rs., até á Madeira.

Fez a travessia em 41 horas: mais quatro horas do que nos paquêtes inglezes ou allemães.

Ao meio dia, em ponto, começou a fazer as primeiras manobras p.ª seguir viagem, tomando logo a direcção da barra do Tejo.

Decorridas duas horas, a casaria de Lisboa tinha-se apagado e a terra desapparecêra.

Que dizer-lhe d'esta impressão, tão nova para mim?

Duas immensidades a cercarem-me: o mar e o espaço. Entre ellas, sem ser esmagada, vogava uma tenue casca de noz, que tinha um fito, um destino, quasi que uma consciencia de si propria, porque tinha movimento e visava, incontestavelmente, um alvo.

A impressão, que eu tive n'esse momento critico, não era bem de desanimo, nem de mêdo, nem de tristeza: teria sido, antes, uma amalgama de tudo isto, se se lhe addicionasse um pouco de novidade, de esperança, e de alvoroço.

Depois, fui deitar-me no beliche, porque, na vespera, o ministro da justiça me dissera que, para evitar o enjôo, me deitasse e fechasse os olhos e, se podesse, conciliasse o somno.

Cumpri; porque o conselho dos experimentados não deve desprezar-se.

A' hora regulamentar, lá veio o creado de bordo, o solicito Policarpo, que eu fizera meu amigo á custa de 1$000 rs., logo que o vapôr se poz em marcha, com um prato de uvas.

Era o *lunch*.

Depois, dormi e levantei-me passada hora e meia: tinha

perdido a noção dos ventos cardiais, que mais tarde recuperei, á vista do roteiro, traçado em uma pequena carta geographica, colocada na sala de fumo da 1.ª classe, onde estava traçada a linha do percurso para a Madeira, e marcada a distancia, percorrida e a percorrer, com um alfinete, espetado n'ella, junto da cabeça do qual estava pendente uma pequena tira de papel, á laia de bandeira, com as cores—*azul e branco*.

A distancia percorrida era de 310 milhas: faltava caminhar mais 207. Passava-se isto no dia 21 (foi hontem ás 9 da manhã e parece-me que foi ha 10 annos!)

A's 6 da tarde, de 20, deu a sineta o ultimo toque de aviso, chamando os comensais ao primeiro jantar sobre o mar.

Fui, e, quando cheguei, estavam tomados muitos logares, mas não todos.

Começára-se a tomar uma canja, e havia phisionomias aborrecidas, q. denunciavam mal-estar, e outras, que estendiam os olhos para aquelles que, com appetite, entravam nas viandas, mas que não manifestavam o prazer de quem satisfaz uma necessidade estomacal.

Os donos d'estas phisionomias não comiam, e o sexo fraco estava m.to mal representado no refeitorio.

Entretanto, eu quasi ia sendo invejado pelos... novos. Fracalhões! e... fracalhônas! Para signal, uma d'estas (disseram-me, depois, ser esposa digna e recatada), ia-se descompondo, no vestuario, lubricamente. Tal a inconsciencia, produzida pelo incommodo do enjôo.

Emfim, á formiga, e surrateiramente, foi-se escapando da mesa o maior numero, a pretexto de... tomar ar, dores de cabeça, etc., etc.

Eu, porém, meu querido Lemos, fui-me conservando até final, porque não queria jurar falso a respeito da mestria culinaria do nosso *mestre de hotel*.

E sabe o amigo porque procedi assim, fazendo as honras finaes á arte culinaria do «S. Miguel»? E' porque outro amigo, tambem experimentado, me tinha informado de que, contra aquella terrivel doença, nada havia tão efficaz como... ter e conservar sempre o estomago bem cheio.

Elle será um paradoxo, uma tolice, mesmo uma temeri-

dade; mas eu vou com os experimentados, e, d'esta vez, não fui enganado.

Depois, a continuação da monotonia—agua e ceu—, apenas entrecortada por uns uivos, meio caninos, esganiçados, de umas creaturas do sexo fragil, que vinham ao Funchal exhibir as suas desconhecidas prendas na arte de Talma. Eram umas mulheres franzinas, pouco ou nada cultas, dando a impressão de *coristas* de theatro manhôso, que, n'esta quadra morta p.ª os theatros de Lisboa, vinham aqui procurar... *trabalho*.

Compadeci-me e cheguei a ter pêna d'ellas!

Ha tanta especie de infelicidade por esse mundo de ouropeis e pós de arroz!...

Dia 21. Café ás 6 da manhã, almoço, *lunch*, jantar e chá, á hora regulamentar.

Nos beliches, calor insuportavel.

Relações, quasi intimas, com os companheiros belicheiros, que eram: um homem de negocios, da ilha de S. Miguel; um neo-bacharel, formado em direito (tinha atravessado o mar 14 vezes e sempre tem enjoado!); e um aspirante dos correios, collocado no Funchal.

A proposito: este aspirante teve *viagem paga pelo seu ministerio e uma ajuda de custo*, desde q., em Lisboa, lhe foi dada guia de marcha ou de apresentação; eu, vim á minha custa porq. no meu ministerio ha, tambem, *ajudas de custo*, mas... para outros felizardos.

Fiz o meu protesto, e prometto trabalhar p.ª o converter em lei, embora me não possa aproveitar.

Como ia maçando o meu querido Julio de Lemos, dizia eu que era quasi tropical o calor nos beliches. Resolvemos, pois, trez companheiros, passar a noute de 4.ª p.ª a 5.ª feira na sala de fumo da 1.ª classe. Tomado o chá, 11 horas, dormiu-se uma somnéca, e ás trez da manhã sahi para a coberta e descobri o pharol da ilha de Porto Santo.

Chamei, alvoroçado, os companheiros, dando-lhes a boa nova de estar terra á vista, e notei que, logo, outros passageiros foram apparecendo na coberta. Domináraos, decerto, o mesmo desejo de assistirem ao apparecimento da Madeira, que estava perto.

Effectivamente, a par da continuação da marcha do «S. Miguel», foi o dia rompendo, e começou-se a divisar a alta e longa cordilheira de montes que circumvolvem a cidade do Funchal. Mas, como o dia ainda não era bem claro, o vapor foi afrouxando a marcha, de forma que, ás 5 da manhã, pouco mais ou menos, fundeava deante da *perola do oceano,* como chamam os inglezes a esta joia, da mãe-patria, — a ilha da Madeira.

A Madeira! O Funchal!... Ai! meu querido Lemos! que má vontade eu tenho áquelles que deixam a nossa patria, para irem ao extrangeiro colher impressões e... viajar.

O Funchal! Vista do mar, a cidade é o retalho de terra mais seductor, mais bello, mais deslumbrante que os meus olhos tem visto.

Penso que não é facil descrever-se a impressão que se tem com esta visão.

Linhas geraes: uma longa orla de montanhas, em m.tos pontos cortada a pique, sobre o mar. N'esta orla abre-se um largo semicirculo, suavemente concavo. A encosta, dentro d'este semicirculo, é que contem a cidade, que, lambida na base pelas ondas, se vae dilatando, subindo até meia encosta. Por entre a casaria branca, divisam-se tufos de verdura. São campos e vinhas, dependurados da montanha. As divisões, ou, melhor, as demarcações, são ruas, calcetadas de seixos, limados, escorregadios, por onde sobem e descem carruagens, *sem rodas,* puxadas a bois. Tal é a inclinação do terreno, que não permitte que a tracção se faça em vehiculos de cavallos!

Tambem, pelas mesmas ruas, se escapam *uns cêstos,* que comportam duas pessoas, cada um, que são outro meio de locomoção. Ainda os não vi. Ficam para ámanhã.

Ruas: estreitas, não muito cuidadas.

Hoje, ás 7 e meia da noute, grande comicio contra o monopolio das farinhas. Não vou lá.

Para terminar este insonso pastelão: estou satisfeito.

A sua boa Licinia que leia, se tiver paciencia.

Muitos beijos no Miguel e muitas saudades á cara-metade.

De mim, um abraço saudoso; e assigno-me, do coração,

Velho am.º

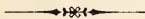
mt.º grato,

Funchal, 22-8-912. NARCIZO.

P. S.

Ao amanhecer para o dia 21, ás 6 horas da manhã, diz um creado de bordo:

— «E' preciso dar de comer ás andorinhas».

Era, effectivamente, um grande bando d'estas avezitas, que ia seguindo o vapor. E comeram á ré. Maravilhôso!

Se eu soubesse escrever!

(DE CAMPOAMOR)

I

— Escreve-me uma carta, senhor cura?
— Já sei, bonito par!...
Eu bem te vi, em uma noite escura,
Com êle, a conversar...

— Perdôe; mas... — Socega; não te impeço,
Nem te censuro, não;
Dá-me pêna e papel. Eu já começo:
Meu querido Romão.

Existem diferentes versões portuguêsas dêste poemeto do delicioso artista das «Doloras».

Conheço as de Queiroz Ribeiro, Alves Crespo, Alfredo Guimarães, Vicente Novais, Augusto Garraio e outros. Afigura-se-me, porêm, que a tradução do meu colega e patricio não resultou trabalho improficuo — porque, a meu vêr e sem desprimor para ninguem, excede, em belezas, as daqueles camaradas. — J. DE L.

— Querido?... Emfim... murmúra a rapariga...
— Se não queres?... — Sim, sim!
Como ando triste! — Gostas? — Vá, prossiga...
Vêr-te longe de mim!

Ao começar, sinto-me, pois, aflita...
— Como sabe o meu mal?
— Para um velho, donzela tam bonita
Tem peito de cristal.

Sem ti o mundo é um vale de amargura,
Contigo um paraíso.
— Faça a letra bem clara, senhor cura,
Porque assim é preciso.

O beijo que te dei na despedida...
— Então como é que sabe?
— Se andáveis quási sempre de escondida...
— Por Deus, reitor, acabe!

E se a tua a minh'alma não procura
Far-me-ás tanto sofrer...
— Sofrer e nada mais? — Não, senhor cura,
Que em breve vou morrer!

— Morrer? Oh céus! Que enorme irreverência!
— Pois embora, morrer!
— Não ponho, não, *morrer!* Tem paciência...
— Se eu soubesse escrever!

II

Meu bom reitor, meu bom reitor! Baldado
Será o seu favor,
Se não fizer sentir-lhe, em tom magoado,
A febre dêste amor!

Escreva-lhe, narrando que a minh'alma
Em mim não quer estar;
Que a minha vida uma hora só de calma
Não pôde inda encontrar.

Que os meus lábios, a flor do seu alento,
Já não sabem abrir;
Que perderam do riso o movimento
A' fôrça de sentir.

Os olhos, que dizia serem belos,
Em pranto estão banhados,
Por não verem a flor dos seus desvelos,
A flor dos seus cuidados.

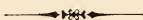
Que de quantos tormentos hei sofrido
A ausência é o mais atroz;
Que de perene vibra em meu ouvido
O som da sua voz.

Que por êle minh'alma gozaria
Até mesmo em sofrer!...
Quantas coisas, meu Deus, então diria
Se eu soubesse escrever!

III

Epílogo

— Filha, para escrever ao namorado,
A Dom Romão, emfim,
Não é preciso ser nenhum letrado...
Saber grego ou latim.

Severino de Faria.

O amor é o grande sonho da humanidade.

Um burguês pançudo faz lembrar o realejo dum saltimbanco: nunca modulam sons diferentes.

Abril, 1876.

José Augusto Vieira.

Cartas inéditas de Trindade Coelho

VIII

Meu caro amigo:

Devo-lhe então resposta d'uma carta?! O' demonio! mas vá lá eu achál-a agora na minha papelada, p.ª lhe responder! De resto, eu quiz que você não perdesse tempo comigo, perto dos exames... O seu postal, em todo o caso, fez-me remorsos!

Como você vae p.ª o Porto, nas férias, é possivel que nos vejâmos por lá. Escreva p.ª Espinho. Em 7b.º devo lá estar. Estou morto por um mez de socego, porque tenho tido um anno infernal!

Quem me dera ir ahi ás festas da Agonia! Já vi o programma n'um jornal.

Adeus. Abraços do

Lx.ª　　　　　　　　　　　　Seu aff.º
2 | 8 | 98.　　　　　　　　TRINDADE COELHO.

IX

10 | 7b.º | 98.

Meu caro Julio de Lemos:

Ora ahi tem uma pirraça do Destino, com D grande! Mas que lhe quer? Quem tem familia não se pertence, — mas a ella... Phantasiava umas horas na sua companhia, e afinal... nem nos despedimos! Para o anno será, se ahi estiver. Porque volto ahi p.ª o anno (1), mas com demora. Isso encantou-me!

---

(1) Naquele ano de 1898, em Setembro, Trindade viéra ao norte, a verificar se Ancora reuniria as condições que êle desejava para ali veranear, com a familia. Nessa ocasião, esteve em Viana, onde eu pessoalmente o vi e lhe falei pela 1.ª vez. Vinha êle da estação, com o Luís Trigueiros. Eu dirigia-me para lá, apressadamente. Defronte do Hotel Central, o glorioso artista, que eu logo reconhecêra—pois tinha bem nos olhos e na alma a fisionomia do Mestre—parou e, sorrindo, o braço estendido, o polegar da dextra em riste, gritou, alegre:—«Ei-lo, é o Júlio!» Tanto sincero júbilo havia nessa exclamação, que ela me ficou ressoando no ouvido e no coração...

Grande dia êsse, para mim! O inominado gôso dos breves instantes em que, com Trigueiros, ouvi a voz inolvidavel do extraordinário contista anotando, enlevadamente, as surprezas e encantos desta região paradisiaca!

Afinal, o Mestre, não trocou Espinho por Ancora e foi dali que me escreveu esta missiva.

Trouxe d'ahi, d'essa paizagem, alegria para muitos dias! Ah, meu amigo, que estupido eu sou! Eu nem mesmo suppunha, na minha adoração pela paizagem, o que era a paizagem! E' isso! E' esse paraizo! Vi o Ideal! Se quer que lhe diga, até imagino Deus Nosso Senhor a espreitar para ahi lá d'um postigo do céo, e a dizer, m.to enlevado p.a os seus botões: — «Pois sahiu-me bonito, aquelle quadro!»

Li o jornal (1), recambiado de Lisboa. Sabe que mais?... Nós parecemo-nos... Somos um pouco irmãos. Ahi tem explicada a sua sympathia por mim! Adeus. Abraços do

Seu do c.
Trindade Coelho.

SONHO ORIENTAL (2)

Sôbre negros coxins aveludados,
Dorme a odalisca em lânguida postura.
Das caçoilas o sândalo satura,
Espiralando em veios perfumados.

Derrama, dos cabelos despenhados,
Pelo colo de cisne, a onda escura,
E da gaze na celica brancura
Os seios mostra, túmidos, nevados.

E enquanto escravas, cítaras vibrando,
Das místicas baladas do Oriente
As místicas doçuras vão lançando,

Estranha chama o peito lhe consome...
E, satisfeita, rubra, sorridente,
Ei-la que acorda, suspirando um nome!

Corumbá, 27-6-12. Rosário Congro.

(1) Alude á «Aurora do Lima», que então publicára o meu retrato, com um soberbo artigo de análise firmado pelo Avelino Dantas.—J. de L.

(2) Do valioso album de Alexandre Ramos Paz e com autorização dêsse nosso velho amigo, se reproduz o interessante soneto, inédito, que acima fica, pertencente a um distinto lírico brasileiro.

UMA DEDICATÓRIA DE NARCISO DE LACERDA

Na página frontal dos Cânticos da Aurora,
Inédita, encontrei a carta dum artista,
Joia de fino engaste, a qual eu junto agora
A's muitas que já guarda o escrínio da Revista.

SEVERINO DE FARIA.

Silva Pinto:

A ti, amigo verdadeiro e unico, talento nobilissimo e integerrimo caracter, offereço a maior parte d'estas flores singelas.

A maior parte, disse, porque n'este canteiro algumas ha tão infimas e venenosas como as sementes de que surgiram. Eu offereço-te, portanto, as que teem sido para mim e hão de ser até á morte urnas de preciosissimos balsamos.

Essas são dignas d'um espirito alevantado e crente como o teu e devem a sua existencia ás lagrimas consoladoras com que vinguei resgatál-as, quando o calor da tua amisade bemdita fundiu a mortalha de gêlo que, n'uma hora de agonia, o *isolamento* desdobrára sobre a minha alma.

Teu, do coração,

21 | 3.º | 80.

NARCISO.

LIMIANA

Revista literária pontelimense

Esta Revista não obedece ao mínimo intuito lucrativo

Publica-se mensalmente. Cada série de 12 números fórma um volume, com o seu frontispício e índice. Cada número terá, pelo menos, 16 páginas.

ASSINATURAS

	Semestre	Ano
Portugal e Espanha.	500 réis	1$000 réis
Brasil	3$000 »	6$000 »

Número avulso, 100 réis

COLABORAÇÃO

É toda solicitada.

Respeita-se a ortografía dos originais.

As provas *serão revistas pelos autores que assim o desejarem.*

Revista literária pontelimense

Directores:

JÚLIO DE LEMOS E SEVERINO DE FARIA

N.º 8 — JULHO DE 1913

SUMÁRIO:

Edição e propriedade da empresa da LIMIANA — Redacção e administração, Rua de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, 90, Viana-do-Castelo. — Composto e impresso na oficina de José de Sousa, Rua de Cândido dos Reis, 31, Viana-do-Castelo.

«Pedro» e «pedra»

A' analogia ritmica que na Biblia se estabelece entre *Petrus* e *petra* (1) responde a lingoa portuguesa tratando foneticamente de um mesmo modo essas palavras (abstráio do *ê* e *é*).

De PETRUS veio *Pêdro,* e de PETRA veio *pédra,* pela mudança do nexo intervocalico *TR* em *dr.* E' fenomeno corrente. Vejamos porém outros mais curiosos no onomastico.

Quando, falando, empregamos duas expressões, uma das quaes está de algum modo subordinada pela acentuação á seguinte, aquella experimenta mudanças que não experimentaria, se estivesse em pausa. Por exemplo: dizemos *um santo* (pausa), mas *Sã* ou *São José;* a palavra *santo* modificou-se, isto é, abreviou-se. Chama-se a este fenomeno *próclise,* e á palavra que se modifica, *proclitica* (2).

Tal fenomeno acontecia outr'ora não raro com varios nomes proprios, seguidos dos respectivos apelidos: *Fernão Lopez,* mas *D. Fernando; Martim Monis,* mas *S. Martîo* ou *Martinho* (3). Em documentos galegos ha *Afon,* por exemplo no sec. XIV (4), que corresponde a «Afonso». Num romance popular ha *Bernal-Francês,* onde *Bernal* provém de *Bernaldo,* que se usava no sec. XVI (5), e se usa ainda hoje no Algarve (6), na Beira Baixa e em Hespanha: de *Bernaldo* deriva *Bernaldino* (7) (fórma plena), e *Bernaldim* (8) (fórma abreviada). O povo diz tambem *Mar' do Crasto,* embora só se escreva *Maria do*

---

(1) *Et ego dico tibi, quia tu es* **Petrus,** *et super hanc* **petram** *aedificabo ecclesiam meam.* S. Matheus, XVI, 18.

(2) Vid. *Lições de Philologia Portuguesa,* Lisboa 1911, pg. 485.

(3) Cf. *Rev. Lusitana,* II, 375 (artigo meu), e XV, 365 (artigo de O. Nobiling); e os meus *Textos Archaicos,* 2.ª ed., pag. 154-155.

(4) Vaamonde, *Ferrol y Puentevedra,* p. 75, 82; cf. Diego, *Gramat. gallega,* p, 13.

(5) *Archivo Hist. Portug.,* II, 88, 95.

(6) *Correio das damas,* IX, n.º 8 (1851); *Revista lusitana,* VII, 110 (J. J. Nunes).

(7) Sousa Viterbo, *Medicos portugueses,* II, 32.

(8) *Archivo Histor. Port.,* III, 87. Cf. *Bernaldim Ribeiro.*

Crasto. Uma fórma como *Fernão* deve na origem ter existido sòmente antes de consoante, porque antes de vogal o *do* de *Fernando* aglutinava-se-lhe *(Fernand'Alvarez)*; depois porém o uso de *Fernão* generalizou-se, e passou a empregar-se tanto antes de um apelido começado por consoante *(Fernão Mendez)*, como antes de um começado por vogal *(Fernão Alvarez do Oriente)*.

A palavra *Pedro*, nos documentos antigos, toma differentes fórmas: *Pedr'Amigo* (1), *Pero de Ponte* (2), *Per'Estaço* (3), conjuntamente com a fórma plena *Pedro*, ou em pausa *(conde dom Pedro* (4)*)*, ou mesmo em próclise *(Pedro Gaez* (5)*)*. Tambem hoje dizemos «caldeira de *Pero Botelho*», como frase estereotipada, e temos na toponimia: *Pero Abegão, Pero Calvo, Pero Dias, Pero Monis* (popular *Premonís, Apremonís*), *Pero Negro, Pero Viegas* (popular *Previegas, Praviegas*), *Pero Viseu*, etc., etc. O *d* de *Pedro* caíu, por *Pedro* estar em próclise. Póde acontecer que um nome que a princípio era só proclitico, chegue, com o andar dos tempos, a empregar-se em pausa: assim agora *Fernão* emprega-se independente («tio *Fernão*»), e no *Cancioneiro da Vaticana*, pag. 249, lê-se: *yfant dõ pº*, que, a pag. 454, vem por extenso: *Don Pero, filho del rey de Portugal.* De *Pero* veio o patronimico *Pérez*, que concorre com *Pirez*, que veio de PETRICI, havendo-se o *e* mudado em *i* por *Umlaut*, isto é, por influencia do *i* final na vogal tonica (cfr. *fiz*, arc. *fizi*, de FECI).

Paralelamente á mudança de *Pedro* em *Pero* observa-se a de *pedra* em *pera* nos seguintes nomes geograficos: *Perafita* (variante *Parafita*), por *pedra fita*, de PETRA FICTA, *Peralta* = *Per'alta, Peralva* = *Per'alva, Peras Ruivas* por «pedras ruivas», *Perboi* por «pedra de boi», *Peranta* = *Per'anta* ou «pedra d'anta», *Pradanta* e *Paradanta*, tambem por «pe(d)ra d'anta» (6). *Anta* é o nome que outr'ora se dava em todo o país,

(1) *Cancioneiro da Vaticana*, ed. de Monaci, p. 242.
(2) *Ibid.* pag. 157.
(3) *Archivo Hist. Port.* II, 129.
(4) *Cancion. da Vatic.*, pag. 367.
(5) *Ibid.*, pag. 398.
(6) Com *Pradanta* cfr. *Apremonís* e *Previegas*, que citei supra. Popularmente diz-se tambem *Prafita* por *Perafita*.

e ainda ao presente se dá no Alentejo, aos monumentos pre-historicos que em Arqueologia se chamam «dolmens». A' fórma *Perafita* corresponde no sec. XI *Pedraficta,* e a *Peranta, Pradanta* e *Paradanta* corresponde no sec. XIII *Petram de Anta* (1). O sentido de *Perafita* é o de «pedra a pino», e o das últimas expressões é analogo ao de *Pedra da Arca,* que tambem se encontra no onomástico.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

BANHISTA

Eu vejo-a pizar a areia
— poeira d'oiro espalhada... —
E o vento suspira, enleia
o seu corpo de sereia,
de Venus em sol banhada.

Vejo-a depois, receosa,
sorrindo á onda que afaga...
Mergulha um pé, donairosa,
grita, recúa nervosa,
fugindo aos beijos da vaga.

Volta de novo p'ra escuma
da onda que quebra mansa;
— e a vaga vem uma a uma...
Banha a perna, a coxa, em summa,
já co'as róseas pômas dança...

(1) Vid. Cortesão, *Onomastico,* s. vv.

Na praia vai tudo a olhar,
ficamos todos a vêl-a:
— Diana linda, do mar,
vêde Acteon a gosar
a vossa graça de estrêla!

Que importa que a olhe o mundo,
que importa que a olhe a gente!
Se o seu encanto profundo
obriga, a nós e ao mundo,
a resar devotamente!

O enlevo é redobrado
á volta, de fóra d'agua:
— Tremúla... O passo trocado...
O corpo bem modelado...
— E chóra a onda de mágua...

Funchal, 1912.

ELMANO VIEIRA.

Cartas inéditas de Trindade Coelho

X

22 | 12 | 98.

Boas-festas.

Meu caro Julio de Lemos:

Então onde demonio está agora V.? Em Vianna... — mas a ferias? Sempre foi p.ª o seminario? Perdi-lhe a pista, — desde que nos vimos e nos despedimos na estação d'ahi! Bem, mas vejo que recebeu o que lhe tenho mandado; — e quanto ás suas impressões da *Choca,* estimo que fossem bôas, a despeito de lhe ter feito, *a gallinha,* vontade de chorar...

E' bom, isso! Não é só comel-a cosida, e regalar-se com a bella da canja..

De resto, o *assumpto* estava já na tradição d'*Os meus amores*, — e um critico francez, e, em Portugal, o Teixeira Bastos, notaram essa *humanisação* dos animaes como um dos feitios do meu temperamento. O estudo do homem cede logar na minha sympathia ao dos animaes, — e quando estes exorbitarem cá do meu ideal, vou-me para os vegetaes ou para as coisas... Em tudo ha lagrimas a enxugar: — *Sunt lacrimae rerum*...

Adeus. Escreva-me. Abraços do

Seu do c.

TRINDADE COELHO.

XI

31 | 12 | 98.

Meu querido Julio de Lemos:

Muito obrigado por tudo: pela carta, pelos jornaes, por esse caso que faz da *Choca* (1). Ainda hontem, no *Gabinete dos Reporters*, o Simões Dias lhe fazia festas, á pobre da *Choca*, — e V., p'los modos, vae pôl-a n'um andor em Ponte do Lima! Demonio do conto foi feliz! Aquelle conto, se não é a dóse de factos, de observação objectiva, que lhe metti, corria o risco de parecer uma copia... da psychologia humana! Mas tomaramos nós, os homens e as mulheres, ser tão bons como esses animaesinhos de Deus,— nossos irmãos inferiores, não é verdade? A theoria dos fabularios deve ser essa: mostrar aos homens, para exemplo e lição d'elles, o que são os animaes... Eu assim o entendo, — ou antes, eu não entendo nada, porque *sinto* mais do que *penso*, e d'isso dou graças a Deus...

Pois Você, Julio, tem coragem de lêr os «Dezoito annos em Africa» (2)? Que medo que eu tinha d'esse livro! Escripto

(1) Alusão á referência que eu fiz ao conto «A Choca» no jornal *O Lima*, de Ponte.

(2) Alusão á noticia que sôbre aquela obra dei na *Aurora do Lima*.

a fugir, n'um calor de justiça que chegou a attingir a temperatura de graus de febre,— só eu sei o que ahi está da minha vida, do meu sentimento,—das minhas lagrimas... Esse ultimo capitulo, para o fazer assim como sahiu, tranquillo, sereno, *superior,* — o que me custou! Rasguei original com os dentes, por ir n'elle, demasiado viva, demasiado ostensiva, a exaltação do meu sentimento... O que eu passei entre as quatro paredes d'este meu pobre gabinete! E como não tinha tempo, sequer, de reler o que escrevia, porque eu, temerariamente, desafiara o typographo a agarrar-me, — quando me chegou o primeiro exemplar do livro, que susto, deante d'elle! Que estaria ali?... Mas abrindo-o, em dois minutos reconheci-me lá dentro,—era eu, era o meu sangue, era a minha linguagem até! Ovações que de todos os lados me estão chegando, não valem, juntas, esse minuto de surpreza e de alegria!

Outro livro feliz, meu amigo, — e essa felicidade amo-a eu com um sentimento que não é o da minha vaidade, — mas sim, mas apenas, o da alegria de vêr resgatado pelo meu trabalho, — mais do que resgatado: glorificado! — esse bom e grande José d'Almeida, que é, como elle proprio se confessa, o meu segundo... *Manoel Maçores!* De resto, o livro é enorme: pela somma de verdade que ha dentro d'elle, e por ser, em summa, como livro de historia, um guia seguro para se fazer a historia... Eu a farei, um dia, que não póde ser antes de 5 annos, essa historia que está nas entrelinhas do ultimo capitulo... A paginas não sei quantas, por exemplo, ha-de Você encontrar, escondida, uma pequena nota em corpo 6, fallando de certo presente mandado ao Gungunhana, e que este não chegou a receber, com o que nada perdeu... Não digo o que era o presente, nem quem o mandou.

. . . .

. . . .

Ah, meu amigo, os nossos *grandes* homens, em geral, são feitos da pequenez dos outros. Somos uns timidos, somos uns cobardes: somos politicamente uns fetichistas! Mas toca-se nos idolos, e são de palha, são de vento, — e tão comicos, e tão grotescos, que os proprios dentes que arreganham aos outros, são, como os dos estafermos, de cebola! Mas essa ovação feita ao meu livro, á conta da qual ha um mez que

chovem sobre a minha meza felicitações de todos os lados (hontem era o general commandante da Escola do Exercito que me dizia, em officio registado, que o conselho tinha votado *por aclamação* uma homenagem ao meu livro) essa ovação, digo, convence-me de que se somos levianos, somos, no fundo, bons, e nos commovemos com a justiça... Ainda bem! = Mas p.ª onde vou eu, meu caro Julio? Aguarda, ainda n'esta carta, resposta ás suas perguntas? Pois ahi vae, synthetica, n'um artigo meu, recente, nas *Novidades* (1). Ahi tem o que eu penso... dos diccionarios! E' tudo bom quanto vem do povo, — e as palavras sobre que me interroga teem só uma significação: a que o meu caro Julio ahi lhes apurar, na origem. Algumas são m.to minhas conhecidas (*Bonda,* basta; «bonda de razões!» — *abondar,* chegar á mão: «abonda-me d'ahi esse sacho!» — Mas isto **na minha terra...)** e outras, coisa curiosa, adivinhei-lhes, pondo-me a sondál-as antes de ler o significado que lhes attribue, a significação! = E amanhã é anno novo! Continuemos amigos pelos annos fóra, meu caro Julio, e sejamos felizes. — Espere p.ª breve duas surpresas... Abraços, m.tos, do

Seu do c.

Trindade Coelho.

P. S. — Esta carta foi escripta ás 7 da manhã. A's 8 recebi o seu conto (2). Gostei. E' bem escripto e é sentido, — e comprehendo as duas iniciaes... Diabo! tenho cá minhas apprehensões... Um dia lh'as direi, — *para ahi*...

XII

23 | 1.º | 99.

Meu caro amigo:

Ora ahi está uma coisa (1) com que eu não quero nada

---

(1) Artigo respeitante ao trabalho «Dialecto Mirandês», por Albino de Morais Ferreira. (*Novidades* de 26-12-98).

(2) O conto «Na alcova de Ester», mais tarde incluído nas *Campesinas*.

(3) Responde á consulta que eu lhe fizera acêrca do propósito em que estava de abandonar o seminário diocesano de Braga, desistindo da carreira eclesiástica.

— nem da agua nem do sal! Eu mettia-me lá em semelhante coisa! Essas coisas, quem é juiz unico d'ellas, é o proprio, — e, muito subtilmente, a familia... Ninguem mais. Lavo, pois, d'ahi as minhas mãos, — e até faço de conta que nem o seu postal recebi.

Adeus. Comprehenderá, quando pensar a frio, que eu não podia mandar-lhe outra resposta.

Abraços do

Seu aff.º

Trindade Coelho.

XIII

28 | 1 | 99.

Meu caro amigo:

Est modus in rebus! Não exagere, para me não apoucar, e não me fazer sentir o alfinete do ridiculo... no nariz! O que Você escreveu de mim a proposito dos *Mis amores* (1) é tão exagerado, que nem me atrevo a mandar o jornal p.ª Hespanha,—para não parecer ridiculo... Mal o pude lêr, até.

Essas coisas, cá, ainda podem passar,— embora não fique bem repetil-as... Mas passando a fronteira, são impossiveis de aturar! Não me queira mal por esta franqueza, que é tambem em seu proveito. Eu gósto do elogio, é claro;—mas exagerado ou repetido, produz, para os dois, o effeito contrario. Annuncia-me novo artigo sobre os *Mis amores* e outro sobre os *Dezoito annos!* Oh, pelas almas! suspenda! Que hão-de dizer de nós os que o lerem? Parece proposito, parece teima — parece encommenda!

Treguas, treguas á amizade n'esse capitulo! Valeu? Vejo que V. está n'uma epocha de nervosismo irrequieto, que lhe faz mal. Socegue os nervos, leia a *Imitação de Christo* e tome brometo de potassio! Ouviu? E escreva-me sempre que poder. Abraços do

Seu do c.

Trindade Coelho.

---

(1) Crítica que á tradução de Altamira fiz na *Aurora do Lima*.

XIV

4 | 4 | 99.

Meu caro Julio de Lemos:

Eu já não torno a escrever na *Tribuna*. Depois que lá sahiu aquelle conto *Amor e delirio*, ou não sei o quê, offerecido ao «mimoso» auctor d'*Os meus amores*, embarrei a cesta! Não quero mais. Aquillo é conto (?) d'um typographo,— porque os typographos são mais bachareis e abelhudos do que os bachareis. O Avellanoso publicou-o tendo-me eu opposto a que sahisse no N.º 12. Logo, voltei costas a semelhante coisa, que ficou p.ª mim, desde então, peor e mais suja do que um poleiro de papagaio. Não é lá por ser typographo o *escriptor*. Podia ser um genio, até. Mas é tolo. Portanto, *por aqui me sirvo*... Já vê, pois, que o seu soneto [1] não vae p.ª a *Tribuna*, — nem p.ª as *Novidades*, que estão agora de mal com a litteratura, e só publicam versos ineditos, e lá da *sua gente*... De resto, não acho vantagem na reproducção. O soneto não está mau, mas a Você não o chama Deus p.ª o verso! Demais, aquillo já está dito pelo Bulhão Pato, e não faltaria quem não visse ali o *d'après nature*,— mas o *d'après*... B. Pato! Repito, você não tem queda p.ª o verso. Os seus versos *mysticos* são feitos ao torno, e saem maus. Deixe o verso, que lhe não virá d'ali honra nenhuma. Agarre-se á prosa, que está com os pés em cima do filão. — Nada diga em publico da minha sahida da *Tribuna*. O Silva Cordeiro quer vêr se cobre no proximo N.º a minha retirada, de modo a não espantar alguns amigos meus, assignantes. Adeus. Abraços do

Seu do c.

TRINDADE COELHO.

XV

11 | 8 | 99.

Meu caro amigo:

Não ando de mal. Ando ha mezes muito mal, chocando a doença que se me aggravou agora, ou melhor, que se definiu

[1] Soneto *Cromo*.— J. DE L.

agora: uma neurasthenia aguda que me faz horriveis os dias! Tenho horas de verdadeira agonia, que se traduz n'uma tristesa medonha, um tedio invencivel por tudo, uma grande fadiga moral e physica. Os medicos *expulsam-me* p.ª o Bussaco, e já teria ido se não fosse precisa uma série previa de duches. Ando com elles, a dois por dia. Felizmente, passo as noites bem. Mas os dias são medonhos, sobretudo nas horas de calor. Não ha pensamento triste que me não assalte! Emfim, um desarranjo completo da machina. Deus me melhore, n'aquella paz das arvores!

Diga isto ao meu amigo sr. Manoel Candido Loureiro, de quem recebi ha 3 dias uma carta. Que me descu'pe. Adeus, meu caro Julio de Lemos, abraços do

Seu do c.

Trindade Coelho.

BALADA

«O' cavaleiro que vais montado
Nesse cavalo côr do luar,
Para onde segues tam apressado?
Demora um pouco. Levas cansado
O teu cavalo de galopar.

Tens percorrido longos caminhos,
Caminhos longos, cheios de pó...
Nitidamente, teus desalinhos
Mostram que acerbos, duros espinhos
Te ferem a alma, fundo e sem dó!»

«Ando em procura da boa Fada
Estrada em fóra, sempre a correr...
Ha muitos anos que em desfilada
Venho inquirindo sua morada,
Porém, debalde, sem a saber.

Está oculta, de mim se esconde,
Inda meus olhos nela não puz...
Atroz mutismo! Ninguem responde
A's mil preguntas que, donde em onde,
Faço e refaço, pedindo luz.»

«Essa que buscas como se chama?
Diz o seu nome, depressa, diz...»
«E' uma galante, formosa dama,
Coberta d'oiro, fulgente lhama,
Gemas preciosas, finos rubis.»

«Já sei, conheço. E' a fada Ventura
Quem tu procuras com tanto afan...
Não mais caminhes! Olha, é loucura!
Desce e descança, que a Desventura
Ha-de seguir-te, que é tua irman.»

Severino de Faria.

Viagem de uma fôlha de papel

A Olinda, depois de longa hesitação, vencida pela terna insistência do Zeca, seu fiel namorado, sempre se resolvera a confessar, um quási nada córada, as suas preocupações.

Era que uma sua amiga, muito amiga — a Micas da Conceição — tinha um álbum primoroso e havia-lhe pedido um pensamento para êle.

Ela, a Olinda, pensara, pensara, mas não conseguira reunir quatro ou seis palavras dignas de figurar honrosamente na folha de papel *Whatman,* que a sua estimada amiga lhe enviara já. Sim, porque ela, a Micas da Conceição, distribuia as fôlhas, grandes, com um delicado filete a oiro, sem aparar, o que lhes dava uma certa graça de artístico descuido; a gente escrevia qualquer coisa, em prosa ou em verso, e ela recolhia-as depois, emmassava-as, articulava-as por meio de belas fitas de seda verde-escura...

Enfim, a Olinda, mais córada agora, solicitava ao Zeca que lhe escrevesse êle qualquer coisa, um pensamento qualquer . . .

O Zeca nem deixou acabar; amorável, solícito, ofereceu-se logo. Era o que havia de mais simples no mundo. Êle escreveria . . .

E a fôlha de papel *Whatman* passou das mãos contentes da Olinda para as mãos contentes do Zeca, meticulosamente embrulhada e resguardada de amolgadelas.

No dia seguinte o Zeca, meio desalentado e meio esperançado, coçando na cabeça, entregava a fôlha de papel, novinha, de leve perfumada, ao seu íntimo amigo Amaral,— que se prontificára a tirá-lo da opressora dificuldade em que o pusera a Olinda, a quem cordialmente desejava servir de modo satisfatório. E ninguém melhor que o Amaral, rapaz de estudos, inteligente, lido como poucos, para traçar um pensamento digno do álbum e, o que é mais, digno da sua querida namorada . . .

No mesmo dia, o Amaral, conversando com a sua mais-que-tudo, a Amélia da Rua de João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, falou em quanto lhe não seria grato possuir um pensamento dela, qualquer trapalhada, para um álbum que êle, Amaral, ia fazer. Era a ela, a sua melhor amiga, o seu amor de sempre, que sem dúvida competia abrir o álbum. Demais, êle bem sabia como ela era hábil, meio literata, sabendo escrever deliciosamente os seus interessantes pensamentos.

E a fôlha de papel *Whatman* passou das mãos do Amaral para as mãos da Amélia, que gostosamente acedera, quási a chorar de comoção.

Depois, a Amélia, na ânsia justificável de prontamente bem-servir o seu amado, foi visitar uma sua amiga, antiga condiscípula no *Colégio Inglês* onde ganhara a fama da mais talentosa aluna que de lá saíra. Pediu-lhe graciosamente um pensamento para um álbum seu, um álbum encantador que tencionava fazer, como nenhum, com preciosa colaboração . . .

A amiga, lisonjeada, agradeceu muito e muito os imerecidos elogios, tudo favores, e assegurou que na manhã do dia seguinte lhe mandaria um pensamento, modesto com certeza, dentro das suas apoucadas fôrças...

De facto, na manhã do dia seguinte, recebia a Amélia o pensamento da sua amiga, e achou-o — a falar verdade — assim, assim, pouco compreensível . . .

Pegou na fôlha de papel W*hatman* que não levara á sua antiga condiscípula . . . pois que diria o Amaral se não visse a letra dela . . . claro! percebia logo . . .

Pegou na fôlha de papel W*hatman* . . . e nada! não se atreveria a

escrever em papel grande e liso, sem pautar; nada! sem linhas é que ela não sabia escrever; ficaria tudo torto, indecente.

Escreveu o pensamento num bilhete azul e, à noite, cândidamente, fez a entrega da fôlha e do bilhete ao seu reconhecido Amaral, explicando-lhe por que não ousara escrever directamente no papel *Whatman.*

O Amaral não insistiu: colaria o bilhete, que era lindíssimo, na fôlha, — e ficaria tudo muito bem. Viera-lhe num repente à cabeça a asneira que teria sido escrever alguém, que não fôsse o Zeca, no papel *Whatman.*

O Zeca recebeu alvoroçado, taquicárdico, o pensamento, agora excelentemente escrito na letra do Amaral que explicou por que o não escrevera na folha do álbum: era êle, Zeca, que deveria escrever para a Olinda não julgar que fôra outro o autor.

— Era verdade! O Zeca ficou admirado da perspicácia do seu amigo, — que num cartão cheiroso lhe entregou o mais genial pensamento que até à data tinha lido!

E, à tardinha, a fôlha de papel *Whatman* passou, muito embrulhada, ainda com o seu bom perfume, para a mão da Olinda, a quem o Zeca deu, em separado, correctamente escrito pelo seu punho, o pensamento, — explicando que era ela que tinha de escrever com a sua letra admirável na fôlha do álbum.

— E a Olinda que se não lembrara! Que doidice! O que ela ia fazendo!...

E a Olinda, elegantemente, com a sua melhor letra, por sôbre uma leve pauta a lápis que no fim safou, escreveu a tinta-da-China o pensamento soberbo, como só o seu namorado era capaz de conceber.

Satisfeita, não tardou a enviar a fôlha de papel *Whatman* à sua amiga Micas da Conceição, pedindo mil desculpas de não ter capacidade para honrar o álbum como a sua dona merecia.

A Micas desembrulhou curiosa a fôlha do seu álbum e leu... o que escrevera a pedido da Amélia e que tanto trabalho lhe dera a escolher num livro de La Rochefoucauld.

Dezembro de 1912.

CLÁUDIO BASTO.

O Funchal

[Cartas inéditas do Dr. Narciso Alves da Cunha]

III

Querido am.º

Chego agora, 5 da tarde, da celebrada estancia do Funchal — a Senhora do Monte, aonde fui com um cavalheiro da localidade, e, por conseguinte, optimo cicerone.

Não se descreve. Tudo tende a dominar-nos o espirito, por fórma a formular-se este unico conceito — ficar lá.

Flóra luxuriante, e, p.ª mais seduzir um minhôto, até contem séries, macissos, de exemplares nossos — carvalhos e pinheiros — de mistura com retalhos da flóra d'esta região.

Até os proprios precipícios que, a cada passo, nos surprehendem, são uma maravilha.

Tudo tão bem tratado; tanta arte e tanta belleza natural, —e vai-se viajar para o estrangeiro!

Os estrangeiros estão a entrar aqui todos os dias e vão logo á estancia do Monte; e nós, portuguezes, abandonamos o que temos de casa, para encher, enfatuadamente, a bocca com a palavra — viagei!

O Bom Jesus, de Braga, é uma reduzida miniatura do Monte da Madeira, *quanto á extensão;* que, quanto ao mais, não sofre confronto.

Macissos de fétos, de um verde esmeralda; copado e altissimo arvoredo; ravinas, cortadas a pique, de 50 e 60 metros de profundidade, que são tapêtes de verdura; chalets, escondidos por entre a ramaria; lagos formosissimos; arruamentos quasi sobrepostos, por causa da inclinação do terreno; altas quedas, naturaes, de agua; os sanatórios, hoje abandonados (!) que nos custaram 1:200 contos; largos arruamentos em volta, tendo um d'elles a fonte de Nossa Senhora, «*que fugia do templo p.ª vir para ali*», diz a lenda, e bem poetica que ella é; um dos lagos tem, ao centro, a miniatura da ilha da Madeira, com as suas lombadas, picos, ribeiros, ravinas,

etc., tudo feito em argamassa. Em algumas casitas vêem-se raparigas a trabalhar, nos notaveis bordados da Madeira, com destresa: e força é confessar que ha de haver m.to turista que ha de preferir as bellezas da artista á do artefacto. Pelo menos foi o q. aconteceu a outro meu companheiro, de excursão, quintanista de direito, que ficou prêso á bordadeira, protestando voltar lá breve. A coroar tudo isto, um horisonte vastissimo, para o mar, e para o Funchal, que, d'aqui, parece deitado aos pés d'aquelle, e comtudo foge d'elle em amphiteatro.

Para se percorrer e observar toda a estancia são precisos, pelo menos, dous dias; e eu apenas lá estive 4 horas. Ha bons hoteis e relativamente mais baratos do q. na cidade.

Vi um, que me disseram ser dos melhores e que tem largas dependencias de terrenos, onde a diaria é de 1$500 rs.

A ida para o Monte faz-se em elevador, assim como o regresso, e fui informado de que se trata de construir uma estrada para automoveis, cuja falta é sensivel.

Já me arranjaram aqui uma pensão, em casa particular, de uma senhora viuva, para onde vou no principio do mez. Alimentação e casa, 21$000 réis. E' barato, não é verdade? O hotel em q. estou — *Galden Gate* — custa-me 1$500 réis por dia, afóra vinho. Ha outro p.ª 1$000 rs., mas é dos manhosos, isto é, acceita tudo — meretrizes, tuberculosos, etc.

O sistema das pensões é muito pouco usado na cidade e por isso lucta-se com difficuldade em a conseguir.

Desde q. vim, a temperatura tem-se conservado entre 22º e 24º, centigrados.

No dia 31 espera-se um vapor com excursionistas inglezes — cerca de mil.

Hoje, de manhã, a maior parte da guarnição da canhoneira «Panter», alemã, veio a terra, sob fórma, comer uma refeição qualquer e recolheu ás 11 horas. Todos de barba feita, calça branca, sapato baixo e polaina. Tudo rapaziada muito nova: calculo de 19 a 21 annos.

A arqueação do peito é boa, pulsos grossos, bonitos e sempre muito aceados. São mais do q. bem disciplinados: são bem educados. Não vão á taberna, não se embriagam, não

provocam barulhos, nem desordens. São o perfeito contraste dos inglezes.

Demais, de tarde sobretudo, vem m.tos para terra.

Na 3.ª feira foi offerecida á officialidade uma festa, n'um casino local, pelo G. civil, e apresentaram-se de grande uniforme, incluindo os aspirantes. E' caso para se dizer: não lhes pousava uma mosca. Emfim, gostei.

Tenha paciencia para me aturar estas estopadas.

M.tas saudades e um abraço do

Seu affectuoso am.º

NARCIZO.

AO LIMA

Oh rio de aguas serenas!
Vai chorando as tuas penas,
Por entre as ribas em flor.
Tambem sobre as tuas aguas
Já chorei as minhas magoas
E sonhei ... sonhos de amor ...

Vae correndo, vae correndo!
Vae cantando e vae soffrendo
Mil venturas ... mil amores ...
De tantos sonhos sonhados,
Que resta dos desgraçados
Senão ais, magoas e dores?!

Porto, 1 | 10 | 912. LUCINDA RIBEIRO.

Corrigenda

Pag. 111, artigo *António Pereira Rêgo,* 6.ª e 7.ª linhas:

Considerar como não escritas as palavras — «e, porventura amigo» — que, por evidente inadvertência, me escaparam.

Imperdoavel lapso (que ninguem, decerto por benevolência, me apontou), mas que eu tenho a hombridade de confessar, quando fôra facil atribuí-lo ao gráfico. — J. DE L.

LIMIANA

Revista literária pontelimense

Esta Revista não obedece ao mínimo intuito lucrativo

Publica-se mensalmente. Cada série de 12 números fórma um volume, com o seu frontispício e índice. Cada número terá, pelo menos, 16 páginas.

ASSINATURAS

	Semestre	Ano
Portugal e Espanha.	500 réis	1$000 réis
Brasil	3$000 »	6$000 »

Número avulso, 100 réis

COLABORAÇÃO

É toda solicitada.

Respeita-se a ortografía dos originais.

As provas *serão revistas pelos autores que assim o desejarem.*

Revista literária pontelimense

Directores:

JÚLIO DE LEMOS E SEVERINO DE FARIA

N.º 9 — DEZEMBRO DE 1913

SUMÁRIO:

Edição e propriedade da empresa da LIMIANA — Redacção e administração, Rua de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, 90, Viana-do-Castelo. — Composto e impresso na oficina de José de Sousa, Rua de Cândido dos Reis, 31, Viana-do-Castelo.

O direito de Propriedade e a Razão

A incompreensão dos fenomenos sociaes, acrescida do sectarismo infiltrado pelos iconoclastas de profissão, nega o direito de Propriedade, considerando-o, apenas, justificado á luz de caducas concepções juridicas e da tolerancia dos povos. E, todavia, esse direito tem as suas raizes, o motivo da sua essencia, na propria Razão, que, para se impor e vigorar, não carece da sanção dos codigos, por isso que reside nas consciencias limpidas e tem a doutrinal-a o espirito de todos os homens bons e cultos.

Na verdade, do direito á Vida promana logicamente o direito ao Trabalho. Ora o salario é o preço do Trabalho, ficando, portanto, tambem pertença de quem o recebe toda a parcela que lhe sobeja do custo dos diversos elementos necessarios á Vida.

Logo, o possuidor pode dispor dessa parcela, como lhe aprouver, e, consequentemente, tem o direito de trocal-a por outra especie de valor, afim de adquirir qualquer ordem de vantagens *(compra de bens)* ou de fazer dela entrega a outrem nas condições que quizer *(doação ou legado).*

A transmissão da Propriedade por titulo oneroso ou gratuito faz, pois, reverter para o novo possuidor todos os direitos originarios, os quaes atravessam, assim, intactos, todas as operações de que ela fôr objecto, em virtude de se lhe poder aplicar sempre o raciocinio inicial; donde resulta os mesmos direitos ficarem essencialmente adstritos á posse.

ANTONIO CABREIRA.

João de Deus

Aí está uma fisionomia que não engana. Revela um homem liso e recto, que não mente mas nunca pode ser cruel. Isto vê-se logo, ao primeiro aspecto. Depois, insistindo nela, topamos, em um outro detalhe, o génio, a bondade, a modéstia, a observação — com seus laivos de chalaça e de ironia.

Não são decerto as duas fotografias aqui postas em gravura as que com mais clareza manifestam a predominante feição psicológica de João de Deus. Falta-lhes aquêle relancear da vista para o alto com que o maravilhoso poeta das *Flôres do Campo* e das *Fôlhas soltas* (ao depois recolhidas piedosa-

Meu gᵈᵒ. amigo Vilhena. Quem me custa a reconhecer por minha esta cara daquela. Hoje creio na fidelidade do espelho; é a minha; é a cara dum velho companheiro de casa em Coimbra, com a differença que vai de 30 a 65 annos. E a gente a gostar da vida!

mente em um vivaz e perfumado *Campo de Flôres)* se quedava abstraído no seu longo sonho que de geniais eminências pouco a pouco foi descendo, caricioso e brando, até iluminar o espírito e aconchegar o coração das ignorantes e ingénuas criancinhas.

Mas se não dão nítido relêvo ás qualidades máximas do lírico imortal mostram-nas esparsas e docemente temperadas numa singelesa de patriarca amavel que de bom grado se punha ao nivel dos seus interlocutores, exteriorisando-se em anedoctas e casos narrados com tal vivacidade e frescura que para logo se adivinhava que nas veias do poeta de Messines ainda giravam gôtas de sangue árabe, como no cérebro lhe acudia a reminiscência ancestral de velhas lendas improvisadas, em rítmos fluentes, á luz e ao calôr das

Meu João Vilhena, amigo velho e
meu inseparavel companheiro nas mi-
nhas primeiras excursões ao Parnaso.
Eis uma das effigies que me tirou o
sr. Bobone, e q. é talvez a melhor,
por ser só metade do original.
Guarde-a em lembrança
[illegible] longas, dos nossos tem-
pos, dos tempos da Escola e da [illegible]

fogueiras protectoras, no meio de uma roda de ouvintes calados e recolhidos. E sobretudo revelam um original.

Na historia literária portuguesa João de Deus é um exemplo típico de originalidade espontánea, fruto da terra feito canto, que ficará perduravelmente a lembrar, não apenas a época e o lugar onde viveu mas, o fundamento amoroso e contemplativo da nossa psicologia nacional, por qualquer tempo e lugar em que a analisemos. Nenhum outro poeta traduziu melhor nem com mais facilidade e largueza êsse traço de alma fatalista e quietista que na própria bôca do povo transforma os gritos de dôr em preces fervorosas ou cadências resignadas. Daí a sua profundeza lírica, a sua superioridade, a sua fluência fácil e multiforme, o que o torna inconfundível, estranho a escolas, rebelde a regras clássicas, popular, *nosso,* tam limpidamente a sua técnica deriva do seu feitio poético e característico do povo português, mormente do sul.

Foi um génio que brotou espontáneamente da terra em que nasceu. Na sua obra apenas um ligeiro e diáfano véu de fantasia a verdade cobre. E o véu ondula como um gracejo, descerra-se como um sorriso, dobra-se como uma carícia, descai de manso como um pranto leve ou desfralda-se no ar como uma gargalhada franca. Mas com sua ligeireza não tapa o fulgôr da núa verdade que veste.

Com a mesma naturalidade com que uma planta suga do solo elementos que a fortalecem e lhe dão ramos, fôlhas, botões e flôres, João de Deus, tanto na poesia como no desenho, na música e na pedagogia recebe da observação directa e do meio que a embala uma essência de arte tam simples e límpida que nos admira provir de um homem que viveu no século XIX, quási isolado dos mais, e não ter aparecido mais cedo, não ser de sempre, de todos os dias, produto da terra e de toda a gente, exalação anónima de anseios indefinidos que no seio da pátria dormitando gemem. Por tal modo, a sua obra parece, vista no conjunto, a coisa mais natural. A' medida porêm que nela entramos e lhe estudamos os aspectos, os materiais, os intuitos e os processos, cresce em nós o respeito e a admiração, porque só o génio poderia transformar, com instrumentos primitivos, em tam alto canto e tam belo ensino

o balbuciar impreciso e indeciso de um povo inteiro, de uma nova geração que quere viver.

Identicamente nos impressiona a fisionomia do poeta. A' primeira vista pouco mais é do que vulgar. Se porêm a estudarmos nos detalhes encontramos nela o lídimo transunto do homem singular e bom cujo nome as gerações futuras não poderão apagar da memória porque deu alegria e encanto ás almas melancólicas, ergueu bem alto no mundo a língua de Portugal, ensinou a amar e ensinou a ler — e como um patriarca adorável de adorável quadro bíblico fixou-se na retentiva dos de agora, á maneira daquêles filósofos serenos que ao ar livre e com ideas livres aconselhavam e guiavam, com a sua *Cartilha Maternal* aberta e voltada para as crianças como a mais odorante e colorida rosa que poderia ter colhido no seu *Campo de Flôres.*

João da Rocha.

SONETO

[Junto ás obras de Lindoso]

Fui poeta e pastor no rio Lima
Pelos anos da era quinhentista;
Andei jogando o meu cajado e rima
Com essa que jamais perdi de vista.

Hoje o meu coração, embora exista
Na mesma terra e sob o mesmo clima,
Saudosos longes do passado avista
E quanto evoca febrilmente o anima.

Reincarnei. Ah! vejo o amado outeiro
E em sonho embalador eu adormeço
Ao canto pastoril dum pegureiro.

Mas á vida presente emfim regresso,
Ouvindo nas pancadas do mineiro
As sonoras estrofes do progresso...

Antonio Ferreira.

A ESTATUA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA

Ha um aphorismo latino que diz, se bem me recordo, o seguinte: *Cujus regio, ejus religio.* Este principio foi mantido rigorosamente em Portugal, ou melhor na Peninsula, de tal forma, que nem mesmo os judeus, que nos Estados Pontificios praticaram sempre a sua religião, poderam usar publica ou particularmente da religião dos seus maiores, desde o final do sec. XV.

O povo português alcançou com a forçada conversão dos judeus uma brilhante victoria, que veiu depois a ser paga cara, quando se observou que os novos christãos não abandonavam a religião mosaica. O que, porém, indignava os bons portugueses não era tanto a liberdade religiosa, como a acumulação nas mãos judaicas de grandes riquezas obtidas vexatoriamente dos bons christãos, por quanto os *da nação,* como eram apelidados os israelitas convertidos, consagravam-se a arrecadar os impostos e outras rendas. De aqui veiu o odio a esses orientaes, em todas as partes onde elles se estabeleceram.

Pouco depois da conversão dos judeus, emanciparam-se os povos do norte da Europa da tutela do bispo de Roma e da civilização neo-latina, movimento que tambem ia arrastando a França. O perigo de tal contaminação não seria grande talvez para os povos da Peninsula, pois rarissimos de seus homens eminentes foram e são capazes de perceber os meritos das doutrinas de Lutero e de Calvino. A' cautela estabeleceu-se a Inquisição, que em Portugal durante quasi 300 annos não chegou a arrojar ás chamas 2:000 pessoas, apesar das hyperboles dos nossos oradores de feira orçarem em milhares as victimas.

Entretanto, os missionarios protestantes e os estrangeiros que vinham até aqui viam-se peados no exercicio da religião, sendo não raras vezes perseguidos atrozmente, o que era naturalmente avolumado nos seus paizes.

O mesmo espirito que levou os povos do norte a romper as estreitas malhas do catolicismo, levou-os á altura em que hoje se encontram em todos os campos da arte, sciencia e

tecnica, ao passo que as gentes do sul se conservaram estacionarias e como tuteladas pelos seus felizes adversarios.

A que se deve o progresso a uns e a decadencia a outros? A' religião? E' provavel que ella não contribua em nada para isso, mas como agora se julga o contrario e essa crença se tornou um fautor historico entre nós, tem de ser admitida a presunção de que o catolicismo levou Portugal á decadencia.

Não sei quando nasceu esta explicação simplicista, mas é certo que é de origem estrangeira e que ella se divulgou rapidamente entre nós, sendo bem acolhida por fazer recair as culpas da nossa falta de energia sobre outros.

São bem visiveis os esforços que se empregam para desarreigar a antiga religião dando a esta uma organisação democratica, na crença de que, fazendo assim, Portugal alcançará o antigo esplendor. Não insisto na contradição, de que durante o quasi illimitado poderio do clero regular, isto é dos inimigos da luz, Portugal obteve o maximo desenvolvimento, e até do patrimonio alcançado nesses tempos vamos vivendo.

A vontade de dar á Igreja uma base mais democratica do que aquela que tem gosado até hoje entre nós é dirigida pelos mesmos motivos que tem levado a admitir muita cousa estrangeira sem o minimo exame. Em tempos julgou-se que a implantação dos estudos medios prussianos em Portugal, converteria este numa forte nação; e tambem se julgou que os uniformes militares alemães fariam grandes milagres nesta boa terra. Os resultados foram todavia nulos.

Brevemente vai ser inaugurada em Lisboa uma estatua destinada a comemorar a execução de Antonio José da Silva, autor de graciosas comedias, e que foi queimado em 1739.

A' primeira vista parece uma ideia bem portuguesa; todavia ella não passa de uma tradução portuguesa da estatua de Giordano Bruno levantada ha annos em Roma em honra do filosofo queimado em 1600.

A escolha de Antonio José da Silva foi feita por não haver individuo mais notavel que tivesse sofrido a pena ultima pela Inquisição e ainda que o Dr. Antonio Homem, lente de Coimbra, tambem a sofreu, não alcançou a celebridade de aquelle advogado.

Resta, porém, saber, se Antonio José se tornou merecedor

da consagração que lhe vae ser feita e se a firmeza das suas convicções a merece. Parece que não, porque acusado de judaizar, negou sempre os factos, não obstante as provas que se acumulavam contra elle e que nós possuimos.

Declarou-se sempre catholico apostolico romano, como se lê no depoimento de 13 de agosto de 1726 que se vae lêr:

«E que elle hé Christão bautisado e o foy na freguesia da Sé da cidade do Rio de Janeyro pello Paroco da mesma a quem não sabe o nome e forão seos Padrinhos Marcos da Costa e sua Tia Josepha da Sylua.

E que não sabe se hé chrismado mas que lhe parece o seria no Rio de Janeyro por lhe lembrar que o Bispo da dita Cidade andou Chrismando.

E que elle tanto que chegou aos annos da descriçam hia as Igrejas e nellas ouuia Missa, pregação, se confessava e comungava e fazia as mais obras de christão; e logo foy mandado pôr de joelhos e depois de se persignar e benzer disse a doutrina Christãa a saber Padre nosso, Ave Maria, Salve Raynha, Credo, os Mandamentos da Ley de Deos e os da Santa Madre Jgreja que tudo soube sufficientemente excepto na Salve Raynha e Credo em que errou alguns pontos.

E que elle he estudante canonista, e não aprendeo mais sciencia algua».

Confissão de 13 de agosto de 1726 (1).

O vulto ali celebrizado é uma figura apagada. Silva não foi constante na fé dos seus antepassados, não foi filosofo, não foi inventor, foi apenas victima de intrigas de correligionarios, que da mesma fórma o poderiam acusar de homicida ou de falsario e por isso ser torturado e morto.

A estatua é um monumento de leviandade e um pretexto para movimentos, gesticulações e exhibicionismos como pedem os paises do calor, da luz e do vinho!

PEDRO DE AZEVEDO.

---

(1) Torre do Tombo. Processo n.º 2027 da Inquisição de Lisboa.

EXCAVANDO...

A BIBLIOTHECA ARAUJANA

Derivava o titulo do nome do proprietario Antonio d'Araujo e Azevedo, o prestigioso pontelimense, que subiu ás culminancias sociaes pelos fulgores do seu talento, constituindo *ipso facto* uma das maiores glorias d'esta terra, tido, sem lisonja, como viçoso alfobre de homens illustres, em todos os tempos.

Antonio d'Araujo, da nobre casa de Sá, mais tarde conde da Barca, teve fama mundial como diplomata, em que adquiriu, bem merecidamente, os fóros de «habil», o epitheto que mais orgulha os funccionarios d'aquella cathegoria. Foi ministro d'estado, cargo em que amplificou os seus creditos, notabilisando-se especialmente pela energia n'uma persistente luta com a curia romana; e, além de politico, pontificou nas aras da litteratura, em que obteve alta cotação.

Em correlação com esta modalidade da sua poderosa envergadura intellectual, Antonio d'Araujo foi ainda bibliophilo muito distincto, como o prova exuberantemente a existencia da livraria, de que estamos dando noticia.

Pormenorisemos.

Na importante secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa, sob o n.º 1201, encontra-se um codice em 4.º, de 252 paginas innumeradas, escripto em letra miudinha, bem lançada, tendo apenas algumas folhas em branco. Este codice, sobremaneira interessante, é o catalogo da selectissima livraria, que Antonio d'Araujo possuia na Hollanda, para cuja corte fôra, em 1787, aos 33 annos d'edade, despachado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, e d'onde passou para a Russia em 1801.

Na primeira pagina escripta lê-se:

«Offereço este livro, que julgo digno de ser conservado, á Bibliotheca Nacional de Lisboa. Vianna, 19 d'agosto de 1902. Luiz Xavier Barbosa.»

E um pouco mais abaixo:

«Por intermedio de J. Leite de Vasconcellos, primo do offerente. Vianna, 19-VIII-902.»

Na pagina immediata lê-se:

«Bibliotheca Araujana ou Catalogue des livres de son Excellence, Monsieur le commandeur d'Araujo d'Azevedo, Envoyé Extraordinaire et Ministre Plenipotentiaire de son Altesse Roiale le Prince Regent de Portugal prés de la Cour de Russie, etc., etc., placée à la maison du bois prés de la Haye. En septembre 1802 et confiée à

son tres humble serviteur

J. D. Nierdt.»

E' d'esta annotação que procede o rotulo do presente artigo.

Facto digno de referencia, mas não para estranhar, attenta a erudição de Antonio d'Araujo: na sua livraria havia as mais apreciadas edições de diversas obras, quer pela data da impressão [1], quer por notorios additamentos, correcções ou glossas, etc.

A livraria do futuro conde da Barca era constituida por valiosas raridades bibliographicas, concernentes a todos os a mos dos conhecimentos humanos, especialmente historia e litteratura. Quanto a estas, em que se acham representados os mais nomeados classicos, nossos e estrangeiros, permittimo-nos observar que o catalogo contém 247 verbetes sobre historia, em que se comprehende uma notavel collecção de chronicas nacionaes, civis e monasticas; 23, respeitantes a Horacio [2]: 14, a Ovidio; 21, a Virgilio; 67, a viagens; 37 diccionarios, etc.

As linguas, em que estavam escriptos os milhares de volumes da Bibliotheca Araujana, são a latina, as neo-latinas, a allemã e a ingleza.

---

(1) Lá figuram as dos «Poemas» do seu patricio Diogo Bernardes. Edições de Lisboa, de 1596 e 1632, aquella feita em vida do poeta.

(2) Antonio d'Araujo conta, entre os seus trabalhos litterarios, uma traducção das odes de Horacio.

*

Aconselhamos a leitura do precioso catalogo, «digno de ser conservado», como criteriosamente escreveu o sr. Xavier Barbosa, e prestamos as nossas homenagens ao sr. dr. José Leite por ter feito tão excellente acquisição para a Bibliotheca Nacional de Lisboa, facultando-nos assim o grande prazer espiritual de o manusear e d'elle inferir o valor da livraria de Antonio d'Araujo, o homem superior, que é, justamente, considerado uma das maiores glorias da formosa terra, que se chama Ponte de Lima.

CUNHA BRANDÃO.

O velho abade

Dobram os sinos, dobram os sinos
Da freguesia...
Ouvem-se os padres a entoar hinos,
Trenos magoados, cantos divinos,
Cheios de doce melancolia!

A passos lentos, vão a caminho
Do cemitério...
Dentro do esquife vai um velhinho
Envolto em branco lençol de linho,
Sem que outro deixe no presbitério.

Nos lábios roxos mostra um sorriso
Feito de calma...
Já dele brilha no Paraíso,
Brilha fulgente, bem a diviso,
A lactescente, cândida alma.

Ante o cadáver, alas de gente
Curvam joelho...
E ao som dos sinos, ao som plangente,
Lágrimas vertem, copiosamente,
Chorando a perda daquele velho!

Dizia a missa de manhã cedo,
Quando a ave trina...
Tardes de estio, sob o arvoredo,
Êle ensinava, de rosto ledo,
Aos pequeninos a sã doutrina.

Teve uma vida toda candura,
Toda bondade...
Lá vai agora p'ra a sepultura!
Vai esconder-se na vala escura
O corpo santo do bom abade!

Dobram os sinos, dobram os sinos
Da freguesia...
Ouvem-se os padres a entoar hinos,
Trenos magoados, cantos divinos,
Cheios de doce melancolia!

SEVERINO DE FARIA.

Cartas inéditas de Trindade Coelho

XVI

26 | 11 | 99.

Meu caro Julio de Lemos:

Ora ponha lá entre os *dias nefastos* da sua vida litteraria aquelles dois em que escreveu as *Miserias da Carne!* (1) Como diabo inventou V. aquillo? Mas provavelmente o caso é *real,* talvez um capitulo disfarçado de auto-biographia... D'ahi o ser uma coisa que por não sahir da sua ideação, da sua creação d'artista, lhe sahiu... inclassificavel! De resto, as suas *Miserias da carne* fizeram-me avaliar agora outras «miserias» que eu publiquei tambem outr'ora — e que eram tão fóra da minha «maneira», quanto estas o são da sua... Eu já desconfiava de

(1) Opúsculo sub-intitulado *Anatomia Social.* Viana. 1899. E' um conto extenso.

que produzira duas borracheiras reaes; — mas só agora, pelo padrão da sua, as avalio bem... Nós sempre cahimos em cada uma! E procurando bem, ainda aqui não desmerece o *Cherchez la femme*... Bem dizia o Camillo: que todo o homem que ama é meio sendeiro... Ficamos, pois, entendidos: fez V. uma coisa de que se ha-de arrepender cem vezes. De resto, V. ainda está demasiado perto d'essa tolice, p.ª lhe não parecerem grossas heresias as minhas palavras. Ponto final.

(O' Julio! mas onde diabo V. se foi metter: no Camanho! No Camanho á meia noite, e agora com a peste por lá!)

Bem, *até um dia*. Abraços do

Seu do c.

TRINDADE COELHO.

XVII

27 | III | 1900.

Meu caro Julio de Lemos:

Já o suppunha *extraviado*, e alegro-me por o tornar a vêr! Obrigado pela lembrança da transcripção (1), que oxalá aproveite.... ao Editor! Aquillo foi uma maneira indirecta de dizer ao Souza Viterbo que fugisse de prefacios eruditos. A erudição é sempre... a sciencia dos outros. E a mim aborrece-me de morte, talvez por não ser erudito. E' uma das tolices do meu temperamento, eu bem o conheço, mas que fazer-lhe? Ainda o que ha de bom n'este mundo é a *originalidade*, — o opposto da erudição. Ser original é ser novo, e principio d'alguma coisa. *Origo, originis*... — é m.to bonito saber latim!

Sabe quem me parece que vae indo por caminho seguro? O Paulo Osorio. Está quasi a attingir uma *forma propria*, e, ao que vejo, simples. Ainda bem, porque tem talento, e pode dar. Ha m.to tempo que não sei d'elle, mas gostei de o ler

(1) Refere-se á transcrição que no «Distrito de Viana» eu fizera do artigo que êle havia publicado no «Século» sôbre a edição dos *Luziadas* pela Empresa da História de Portugal.

agora, n'este jornalsinho que me mandou [1], e que eu tambem não conhecia, e é sympathico.

E Você que é que faz agora? Fuja-me d'aquella *maneira* ultima [2], que é tão sua, como era minha a das *Batalhas domesticas,* essa borracheira que vem no fim dos meus contos. E o que é curioso é o **enthusiasmo** que eu tive por aquillo! Só abri os olhos com uma carta do Oliveira Martins, que me não conhecia e que me rogava pelas Cinco Chagas que fugisse d'aquelle caminho, d'aquelle realismo *a la moda,* como elle dizia, — «o mais avesso que ha da realidade», palavras d'elle. Você é m.to nervoso e impressionavel. D'ahi o actuarem muito violentamente sobre V. as impressões exteriores. Deixe-se d'isso. Ponha a sua alma em prosa, ainda que não tenha grammatica, e fará lindas coisas, porque serão suas filhas. Ponha-me fóra do seu tinteiro tudo quanto sejam *palavras finas.* Olhe que o seu proprio **bom-gosto** o livrará de cahir em vulgaridades, — isto é, n'aquillo de que m.tos pretendem fugir pelo tal processo das *palavras finas,* que me lembram pedras falsas em dedos... de caixeiros! Livre-se V. de ser *precioso,* que de ser vulgar o livrará o seu proprio temperamento. Ora de ser precioso só o pode livrar o seu **bom-senso.** E cá estamos nós na eterna formula do Anthero: «Bom-senso e bom-gosto». E' a chave de toda a arte, — quer tentemos fazer, eu sei! um *papagaio* p.a os rapazes pôrem a voar, quer um Poema! Bem, agora que o agarrei outra vez, não se esqueça de me escrever de quando em quando. Adeus. Abraços do

Seu do c.
TRINDADE COELHO. [3]

XVIII

30 | 4 | 1900.

Meu caro Julio de Lemos:

Aquelle artigo do .... lembra-me outra phase de nós todos: fallar sem ter que dizer. E' outra phase; mas assim é

(1) Alude ao artigo do Paulo — *Livros* —, saído no citado «Dis- de Viana», que eu então redigia com Silva Campos.

(2) A das *Misérias da Carne.*

(3) Segue-se um posfacio, que não reproduzo.

que se chega ao ponto. Eu pelo menos pouco entendi, ou nada, do que o rapaz queria dizer. Agora o que está bôa, devéras bôa, é a sua prosa (1). Aquillo tem côr e som: vê-se e ouve-se. São raras as notas desafinadas, — desafinadas *para o meu ouvido,* o que quer dizer que eu diria aquillo quasi assim, se tivesse de o dizer, ou o visse e quizesse escrevel-o. Involuntariamente, eu mesmo reli essa prosa fazendo-lhe as *minhas* alterações, isto é, afinando-a pelo meu ouvido e pela minha sensibilidade. Ficaria talvez peor, como arte; *mas para mim* precisava certos retoques, e eu mesmo lh'os fui dando para me saber... a meu! Isto não é uma forma de lhe elogiar a prosa, é claro. Assim, quero até acreditar que lhe diminuí o valor. Mas é um modo de lhe dizer que ella estava quasi na *minha afinação,* que eu não sei se é melhor do que a sua, se peor. Tomara o janota do .... que todo o seu livro valesse meia duzia só d'aquellas linhas! Esse diabo deixou-me desapontado, porque eu fui tão idiota, que ainda tive esperanças! Agora, vejo que elle nunca teve, sequer, uma propensão mediocre p.ª escriptor. E' a negação d'isso, — mas *lá de dentro,* de raiz! Oxalá que eu me enganasse; mas só um grande milagre, poderia ainda fazer brotar d'ali uma faisca... Parece *parvinho,* — o que não tira que esteja na conta, p.ª a critica de certo camello pardo ...... (2) Estou hoje com m.to má lingua, adeus. Obrigado pelo seu retrato. Se d'ali se podia fazer um padre! Ainda um bispo janota, como o Ayres, e *in partibus,* vá! Registo o seu pedido de collaboração. Adeus. Abraços do

Seu do c.
Trindade Coelho.

XIX

19 | 6 | 1900.

Meu querido Julio de Lemos:

Obrigado pelo seu cartão, — e não sabia que até em Vianna constavam os meus annos... Por um triz que se não

---

(1) O conto *A Senhora dos Olivais,* depois incluido nas *Campesinas.*

(2) Omito uma pequena passagem desta missiva.—J. de L.

cruzou o seu bilhete com uma carta minha. Mas escripta, rasguei-a, — como rasguei outra p.ª o auctor das .... e pelo mesmo motivo. O que eu dizia ao rapaz era desamavel; isto é, eu só lhe dizia que não me encontrava com a precisa liberdade p.ª lhe escrever do livro, porque elle o fizera... *demasiadamente pessoal.* E não sei agora como descalçar a bota! D'aquillo nunca vi. A Poesia foi sempre uma optima collaboradora do Amor, — mas do casamento não me parece... Laura, por exemplo, quando Petrarcha lhe fazia sonetos, era casada e mãe de 9 filhos, — todos legitimos... Eu para lhe dizer porque não gosto do livro, tinha de lhe entrar na *psychologia,* — e ahi, esbarrava-me logo com... com... com quê?! Com uma mulher, com um namoro, com qualquer coisa do dominio particular, que nem a propria inconfidencia do auctor me auctorisa a apreciar.. Não sei. Não posso. Marcar o que pertence ao amor, o que é da vaidade litteraria, o que é do desejo de casar com uma mulher rica, confessemos que não é de tentar... Aquillo é demasiado *cru;* e não me espanta que depois d'aquillo, o Pae lhe negue a rapariga. Ella, é claro, vê-se que não vae com cantigas...

Adeus, meu caro Julio. Escreva. Abraços do

Seu do c.
TRINDADE COELHO.

Dr. Rodrigo Veloso

Sendo êste o 1.º n.º da «Limiana» que se publíca depois da morte do venerando escritor e bibliófilo — ocorrida em Lisboa a 24 de Junho — nele exprimimos, tardiamente embora, e embora de um modo fugitivo e simples, a nossa mágoa sincerissima pelo seu desaparecimento

Admirávamos convictamente o ilustre e fecundo publícista e deviamos-lhe palavras das mais benévolas e alentadoras. Através a nossa humilde carreira de plumitivo, sempre ouvimos o seu aplauso autorizado e amigo — e ainda ultimamente êle recebêra com carinho esta modestissima Revista.

Perante o jazigo que no-lo esconde, e onde tivemos a amargura de o acompanhar, nos curvamos com reverência e uma saudade bem viva.

J. DE L.

LIMIANA

Revista literária pontelimense

Esta Revista não obedece ao mínimo intuito lucrativo

Publica-se mensalmente. Cada série de 12 números fórma um volume, com o seu frontispício e índice. Cada número terá, pelo menos, 16 páginas.

ASSINATURAS

	Semestre	Ano
Portugal e Espanha.	500 réis	1$000 réis
Brasil	3$000 »	6$000 »

Número avulso, 100 réis

COLABORAÇÃO

É toda solicitada.

Respeita-se a ortografía dos originais.

As provas *serão revistas pelos autores que assim o desejarem.*

Revista literária pontelimense

Directores:

JÚLIO DE LEMOS E SEVERINO DE FARIA

N.º 10 — JUNHO DE 1914

SUMÁRIO:

Edição e propriedade da empresa da LIMIANA — Redacção e administração, Rua da Bandeira, 110, Viana-do-Castelo — Composto e impresso na oficina de José de Sousa, Rua Cândido dos Reis, 31, Viana-do-Castelo.

Dr. Antonio Cabreira

1.º Secretário Perpétuo da Academia de Sciências de Portugal,
Doutor em Matemáticas,
sócio das Academias de Sciências de Lisboa, Dijon, Toulousé, Montpellier
e Barcelona, das Sociedades Matemáticas de Kasan e Cherburgo,
membro do Instituto de Coímbra,
cavaleiro da Legião-de-Honra, chefe do gabinete de Sua Ex.ª
o Ministro das Finanças.

Dr. Antonio Cabreira

Quando Antonio Cabreira concebeu a incantadora e luminosa idéa de crear em Lisboa sob o titulo *Academia de Sciencias de Portugal* um formoso instituto, que ficou definitivamente fundado em 16 de Abril de 1907, e que hoje viçosamente floresce e fructifica, fez-me o illustre iniciador a distincção captivantissima de me convidar para seu companheiro naquelle civilizador imprehendimento.

E foi então, foi muito especialmente d'ahi por deante, que na convivencia academica intrei a reconhecer de perto, em todas as suas brilhantes minucias, os altissimos dotes intellectuaes e os preciosos dotes moraes, por que se recommenda aquelle obreiro infatigavel,— infatigavel e sobremaneira prestimoso em prol de tudo quanto represente o successivo accrescimo do bom-nome portuguez.

Já dos importantissimos lavores em que elle se desintranhára noutras creações de sua iniciativa—taes como o *Instituto "19 de Setembro„* (ulteriormente convertido no *Real Instituto de Lisboa)*—eu tivera occasião de verificar-lhe e admirar-lhe o merito notabilissimo.

E tambem na *Academia Real das Sciencias de Lisboa* — onde por consocios nos incontravamos em sessões de assembléa geral — eu alcançára o feliz ensejo de muito apprender e muito me illustrar em conversações suas.

Mas a familiaridade affectuosa que estreitámos, desde que principiou a funccionar a *Academia de Sciencias de Portugal* (onde hoje o seu prestigioso iniciador desimpenha condignamente — *et par droit de conquête et par droit de naissance* — as complicadas funcções de «Secretario Perpétuo»), foi ella que melhor me deixou avaliar quanto devéras são legitimos os elevados creditos que desfructa, não só entre os seus conterraneos mas ainda entre extrangeiros de todas as nações cultas, o afamado e aureolado nome do Dr. Antonio Cabreira.

Mathematico, astronomo, naturalista, economista, philosopho, historiador, jornalista, pedagogo, orador, e polygrapho, — e apar de tudo, e acima de tudo, patriota desvelado, — e,

apar de patriota, um modêlo exemplaríssimo com respeito a integridade de caracter, — Antonio Cabreira ficará constituindo nos fastos fidalguescos da sua nobre e gloriosa familia um honroso representante das mais sublimes virtudes civicas.

Lisboa:
14 de Dezembro de
1913

XAVIER DA CUNHA.

No nosso meio intelectual e científico, poucos terão porventura sido, simultaneamente, mais enaltecidos e depreciados, mais glorificados e ridicularisados, do que Antonio Cabreira, por admiradores excessivos e por contumazes invejosos.

Ora, os exagerados encómios e louvaminhas da admiração excessiva, quasi sempre, senão sempre, provocadores da inveja dos insignificantes e mediocres, tem a mesma ação e efeitos da inveja pertinaz.

Vem-me á mente agora o nome ilustre daquele preclaro atheniense, que, pela fortalesa do seu ánimo, pela bondade do seu coração, pelo seu espirito de equidade, como pela sua probidade inconcussa, mereceu do Povo o enaltecedor cognome de *Justo*.

Votado ao ostracismo, pelas calunias e infamias dos seus rivaes, d'entre os quaes avulta Themistocles, com todo o seu odio e inveja, encontra uma vez um aldeão, que o não conhecia, e que lhe pede escreva o seu proprio nome numa concha.

Então *Aristides* pergunta-lhe:

—«O que te fez ele?»

—«Nada; mas já estou cançado de ouvir sempre chamar-lhe *Justo!...*»

Ora, tem-se falado muito de Antonio Cabreira; tem-se feito muito ruido em torno do seu nome e da sua obra; pela simples e convincente rasão de que é muito o seu merito, ingente o seu trabalho, fecunda a sua obra.

E' o que não perdôa nunca a inveja dos mediocres, dos ociosos, dos impotentes, improductivos e inuteis.

Perguntem a qualquer destes — como *Aristides* ao aldeão — quando, linguas viperinas, procuram, ascorosamente, babujar a justa fama do preclaro cidadão:

—«O que te fez ele?»

—«Nada — responderá cada um deles — mas já estou farto de ouvir sempre chamar-lhe **Indefesso Trabalhador!...**

— E é-o, irrefragavelmente.

E a propria inveja dos seus contrarios nol-o atesta; como atesta o seu merito e a sua gloria; que *a inveja não atormenta o que é obscuro.*

*

E' infatigavel a sua actividade, fecunda a sua iniciativa, tenaz e luminosa a sua ação. A historia, interessante e exemplar, dessas belas e utilissimas instituições beneméritas, de que Antonio Cabreira foi o fundador, a alma e o seu maior estimulo, — *Instituto Desenove de Setembro, Real Instituto de Lisboa e Academia das Ciencias de Portugal* — é a historia e o paradigma daquelas excelsas qualidades; como os notaveis e brilhantes *Relatorios* desses Institutos constituem a mais disérta afirmação e prova do talento, da varia ilustração e das poderosas faculdades de trabalho de Antonio Cabreira.

Falta-me a competencia, e, portanto, a auctoridade, para emitir parecer ácerca da sua obra matematica, geometrica e astronomica, aliás enaltecida e consagrada por auctorisados especialistas nacionaes e estrangeiros.

Posso, porém, depôr, com conhecimento de causa, quanto á sua obra de ciencias sociaes. Nesta, revela-se-me consciencioso publicista no seu livro *Soluções Positivas da Politica Portugueza;* distincto economista no seu notavel opusculo *Analise da greve, sua solução economica e juridica,* e na sua *Demonstração matematica do seguro Portugal Previdente;* apreciavel financeiro no folheto *Nova lei da Contribuição Predial — Informações e Comentarios;* pensador e psychologo de merito nos seus opusculos *Espirito e Materia* e *Risos e Lagrimas;* polemista de pulso nos folhetos *O ensino colonial e o congresso de Lisboa, Resposta á letra dada na Academia Real das Sciencias de Lisboa, Um conflito na Academia Real das Sciencias de Lisboa,* e *Aspecto juridico do conflicto provocado*

pela 1.ª classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa; podendo ser firmadas ainda pelo mais conceituado jurisconsulto as partes juridicas de alguns destes interessantes trabalhos, tão complexas são as aptidões mentaes deste distinto homem de letras.

E a sua grave ciencia não desdenha da elocução literária, pois que é, ao mesmo passo, escriptor primoroso e terso.

A sobredourar estes predicados do seu belo espirito, a bondade extreme do seu coração e a rara superioridade do seu notabilissimo caracter.

Ele — que tem sido electivo alvo de tanta e tão mesquinha inveja — é tão avêsso e refractario a tão vil sentimento, aliás o mais geral e profundo da misera humanidade, que, em todos os Institutos, que tem creado, tem sempre procurado chamar e reunir neles as mais altas capacidades e as mais consagradas competencias nas varias especialisações cientificas e artisticas.

Honra lhe seja.

Lisboa, 4-III-914.

Armelim Junior.

PONTE DE LIMA

Aos seus filhos

Não, não posso esquecer o mago encanto
D'essa terra graciosa e sonhadora,
Onde as horas e o tempo correm tanto,
Onde tudo nos prende e a vida inflora;

Dos montes que se elevam como altares
Onde, perto do céu, Deus nos escuta
A narração dos prantos e pesares,
Da vida, na tremenda e eterna lucta!

Do Lima preguiçoso e disfarçado,
Mudando de caminho, a cada instante,
Nas curvas serpentinas resguardado
Por margens lindas, d'arvoredo ondeante;

Dos Palacios as paginas gloriosas
Da sua, tão authentica, nobreza,
Mantida, sempre, nas acções briosas,
Dos seus filhos no porte e na firmeza.

Bem gravada no intimo do peito,
Bem prêsa na memoria do meu ser
Tenho a data em que a vi! Com que respeito
Invoco d'essa tarde o esmorecer!...

Ponte romana, enegrecida e linda,
Banhada de luar e de poesia,
Quando te atravessei, lembro-me ainda
Como, nervoso, o coração batia!

. . . .

Passavam auras perfumadas, leves,
E, na paz d'essa noite constelada,
Parecia-me ouvir as notas breves,
Os maviosos sons d'uma Balada!

Foi, talvez, devaneio, essa harmonia,
Ephemero prazer diluido em pranto,
Um ecco do passado... a fantasia
Bordando um sonho que eu amára tanto!...

Coimbra, 16-11-913.

AMELIA JANNY.

ALGUNS PROVERBIOS BRASILEIROS E PORTUGUÊSES

Como toda a gente portuguêsa, na fatalidade hereditária do nosso caracter de migradores, foi sempre um dos projectos mais firmes da minha consciencia procurar conhecer as terras longinquas que os nossos avós trouxeram ao convivio da civilisação ocidental.

Depois, se ao sangue português, sonhador e fantasista, juntarmos algum dêsse tão serenamente aventureiro sangue neerlandez, decerto que será impossivel vencer o impulso duma determinada vontade...

Mais do que as nossas colonias, umas já filhadas em grandes civilisações anteriores, outras ainda muito novas no cruzamento luso, era o Brasil, país já feito e a distanciar-se de dia para dia de nós, o que mais tentava a minha curiosidade.

Pensava no que sentiria de estranho e de interessante no meio duma natureza completamente diversa da nossa, ouvir a nossa lingua falada por naturais, e reconhecer a cada passo o traço tradicional da nossa longa existencia de séculos.

Para muita gente o Brasil é unicamente a continuação de Portugal, pela lingua, pelos costumes e pela raça. Nessa ilusão ahi vivem sempre, e nessa ilusão aqui vêm, e vivem, e voltam sem, a bem dizer, darem pelo engano.

Realmente, basta a lingua e a facilidade de encontrar entre a colonia gente conhecida e até parentes, para dar essa impressão simplista a quem não tenha o espirito educado e preparado para uma receptividade emotiva mais delicada.

Eu supuz sempre encontrar um interesse grande no conhecimento familiarisado com o Brasil e não tive nunca a ingenua crença de que era um segundo Portugal, identico ao nosso, o que viria encontrar.

De facto, quem á primeira vista avaliar o Brasil pelas cidades visitadas, em correrias de *turismo* moderno, vê uma civilisação europeia, uma multidão, heterogenia no fundo, mas na aparencia igual á de todos os centros que mais ou menos seguem as mesmas ideias e costumes.

E quem vem assim ao Brazil e para Portugal volta sem ter tempo de estudar e conhecer um pouco a fundo a estru-

ctura propria deste novo país, que caminha para a sua nacionalisação moral, leva uma noção falsa que vai ainda corroborar e prolongar o erro em que andam muitos, até dos mais lúcidos espiritos da nossa terra.

E' fundo e indelevel o vinco português, que a continuada imigração acentúa e não deixa desvanecer, mas não é a tradição cega, como o mais ligeiro trabalho de análise nos demonstra.

O meio e outros agentes diferenciadores actuam bastantemente para encontrarmos a diversidade que separa dois países distinctos, embora de origem semelhante.

Pena tenho de encontrar o Brasil interior tão fechado ainda á nossa curiosidade porque é nele sempre que verdadeiramente se encontra e pode estudar a vida propria dum povo, seja êle novo, ainda a mal esboçar os seus passos para a autonomia espiritual, seja êle já antigo, a defender com energia os seus habitos e tradições.

A vida citadina é apenas o aspecto banal duma fita animatografica, tanto faz que se reproduza numa grande capital europeia, como americana, ou australiana.

Mas o Brasil do interior fecha-se por demais á nossa curiosidade e simpatia pela dificuldade de o percorrer sem estar em condições excepcionais.

As viajens no Brasil são ainda caras, absolutamente prohibitivas para quem não possa dispender largamente ou para quem não gose das graças oficiais, que não raro são dispensadas aos viajantes estrangeiros, que assim penetram sem dificuldade na vida intima dum povo que se retráe, apavorado com a invasão dos barbaros, que dia a dia chegam de toda a parte do mundo com ideias, costumes, crenças, linguas e tradições duma variedade desorientadora, todos irmanados pelo interesse cubiçoso de triunfar pela fortuna material, unica felicidade que está ao alcance das maiorias, sempre intellectualmente mediocres.

A tradição oral ou escripta é que nos pode dar o fio conductor para não perdermos o traço de união entre povos provindos do mesmo tronco, embora afastados pelas circunstancias da vida material; assim é tambem pelo *folk-lore* que mais rapidamente se compreende como os ramos humanos se vão separando e nitidisando para novas e diversas familias,

conforme as influências de meio e diversificação de costumes.

Mas este estudo tem de sêr forçosamente superficial e deficiente, porque só nos é dado fazê-lo atravez da linguagem da cidade ou entrevisto no jornalismo e na literatura, em que despreocupadamente vêm ao bico da pena as locuções, modismos e provérbios familiares.

Nós, portuguêses que conhecemos bem as tradições e costumes das diversas regiões do nosso país, é que, mais do que os naturais, embora muito cultos, podemos destrinçar os traços bem acentuados da influencia portuguêsa não perdida no Brasil.

E um dos que mais, logo á primeira vista, nos ferem, é a predominancia nortista nos costumes como na linguagem.

O português do sul, o algarvio, sem ambições, satisfeito com o pouco que tem no seu delicioso cantinho cheio de sol, embalado pelas ondas e acariciado pelo amôr, que é a sua maior preocupação na vida fácil que lhe dá a doçura do clima e a abundancia dos fructos e da pesca, raro se lembra de emigrar, principalmente para uma terra de áspera concorrencia, cuja luta se torna dolorosa para a sua emotividade de sonhador.

Menos ainda o alemtejano, já de si pouco numeroso e agarrado á terra larga e forte da sua região com a energia soberba e orgulhosa com que se elevam para as nuvens e mergulham na terra endurecida as suas possantes raizes os famosos sobreiros que são a sua beleza e a sua riqueza.

Tambem raramente encontramos na emigração os homens livres das terras fartas do Ribatejo, que não sacrificariam á vaga esperança duma problematica opulencia futura a alegria de viver bem firmes sobre a sela dos seus cavalos rápidos, bem criados nas lezirias ferteis.

Encontrâmos, sim, a predominância do emigrante nortista, ou seja o beirão palrador e amavel, pouco persistente nas ideias iniciadas, mas feliz no trabalho confiado á sua vivacidade natural; ou seja o transmontano, o douriense e o minhoto que mais seguramente caminham para o triunfo porque não se desviam com facilidade da ideia inicial que os fez sahir das suas terras mal exploradas e pouco rendosas, pelo conservantismo da sua agrícultura, de que a civilisação ainda não

conseguiu apossar-se; ou arruinadas pelas doenças de vinhedos e outras desgraças agricolas que não souberam combater.

Com o nortista continental encontrâmos o açoriano vivo e alegre, nunca desapaixonado da sua linda terra á flôr do Oceano, pedindo para ela todos os beneficios, muito português, muito patriota, e libertado de preconceitos; o madeirense conservador, pensando com ânsia na posse de milhões que lhe dêem o direito de viver para si proprio na mais formosa terra que o céo cobre.

Assim a linguagem nos mostra o caminho que trouxeram os imigrantes que ha quatro séculos vêm chegando ao Brasil.

Ha termos que se usam aqui e fazem arregalar de risonha ironia um *sulista,* que no entanto são familiares aos portuguêses das provincias do norte.

Tenho, por exemplo, ouvido dizer *malga* como sinónimo de *tigela,* que no sul de Portugal ninguem sabe o que seja, e que todos nós conhecemos como das coisas mais vulgares e uteis da nossa terra, onde o caldo verde com a sua pirámide de miolo de *brôa* é a saudavel base da alimentação popular, com o feijão e a batata indispensaveis a um legitimo nortista.

A *malga* para o caldo de *berças* em que o miolo de pão de milho forma o vértice do castelo, é uma coisa que se não substitue pelo prato côvo que nunca deixará esquecer aquele fundinho engrossado com o pão, que é o mais saboreado do manjar.

Sem sahir dêste incidente alimentar, estou certa que o hábito de comer feijão, que é no Brasil usado em todas as casas como indispensavel, proveio igualmente dos colonos nortistas, principalmente beirões, onde o mesmo costume era seguido ainda ha poucos anos.

Mas... continuando:

Porteira, equivalente a larga porta de ferro ou grades de madeira, tambem aqui o tenho ouvido e é ignorado, com tal significação, no sul de Portugal.

Certã, como *frigideira; pincho,* pequeno fecho de segurança; *fisga* e *frincha* por fenda; são, com muitos outros que ora nos não ocorrem, termos que me fôram familiares na infância, que a longa residencia no sul quasi fizera olvidar, e

que ouvimos hoje com um sorriso de velhos camaradas que se encontram, sem o esperar, em país estrangeiro.

O que torna o brasileiro uma lingua que se vai separando da portuguêsa, tornando-se, falada, cada vez mais diversa, é a pronúncia.

O brasileiro, em geral, adoça as palavras deixando de bater as consoantes com a energia (e até aspereza, dizem alguns) com que nós o fazemos, acentuando êle as vogais e alongando-as.

Em S. Paulo a pronúncia tem um sibilado especial que não corresponde a nenhuma das variadas pronúncias que conheço em Portugal, o que não quer dizer que os filólogos lhe não descubram filiação lusa.

Não é por exemplo o *s* beirão, nem o *x* minhoto, nem o alongado *em* do Douro; não é nada disto: é o fazer sahir as palavras dos lábios com os dentes fechados com um som que pega entre o *s* e *x* labial.

Já em Minas, nas cidades de Bello Horizonte e Ouro Preto, que conheço, a pronúncia, como a tradição, é mais portuguêsa.

E sem passar adiante, uma observação que me tem ferido sem que a profunde nem explique: entre os inúmeros estrangeiros que falam aqui o português, são os italianos e os turcos os que melhor aprendem a lingua. Os italianos, principalmente, quando cultos, é evidente, expressam-se em português de tal fórma pronunciado que muitas vezes perguntâmos se aprenderam em Portugal. A maior parte deles nem por lá passaram; mas, natural ou propositadamente, esforçam-se por falar português sem o *sotaque* brasileiro.

Deixando, porêm, considerações para os estudos linguisticos do meu caro primo e amigo J. Leite de Vasconcelos, quando êle encontrar meio de vir ao Brasil.. por terra, vou enviar-lhe alguns proverbios com os correspondentes portuguêses que já tenho coleccionado.

Brasileiro: «Preto não serve preto», é, sem dúvida, o correspondente ao *português:* «Não sirvas a quem serviu...»

Brasileiro: «No tempo em que se amarravam os cães com linguiça...»

Português: «No tempo em que andava Nosso Senhor pelo mundo.»

Brasileiro: «No tempo do Onça...»
Português: «No tempo de Maria Castanha...» «No tempo da Caróchinha...»

Brasileiro: «Cão de caça puxa á raça.»
Português: «Filho de peixe sabe nadar...» «Filho de peixe é peixinho...»

Brasileiro: «Por fóra muita farófa, por dentro molambo só...»
Português: «Por fóra cordas de viola, por dentro pão bolorento...» «Por cima tudo são rendas, por baixo nem fralda tem...»

Brasileiro: «Quem hade gabar o tôco senão a coruja?...»
— «Quem hade gabar a boraco senão o tatú?...»
Português: «Gaba-te, cesto, que ámanhã vais á vindima...»
— «Quem hade gabar a noiva senão o pai que a quer casar?...»

Brasileiro: «Fala pelas tripas de Judas...»
Português: «Fala pelos cotovelos...»

Brasileiro: «O macaco repara no rabo dos outros e não vê o rabo que tem».
Português: «Vê o argueiro no olho do visinho e não vê a tranca no seu».

Brasileiro: «Quem o inimigo poupa, fica sem roupa».
Português: «Quem o inimigo poupa, ás mãos lhe morre».

Brasileiro: «Enfeite-se o mŏno á vontade do dŏno».
Português: «Albarde-se o burro á vontade do dŏno».

Brasileiro: «Quem não arrisca, não petisca».
Português: «Quem se não arriscou, nem perdeu nem ganhou».

Brasileiro: «Quem deu á luz Mateus que o embale».
Português: «Quem as arma que as desarme».

Brasileiro: «Em casa de papudo não se fala em papo».
Português: «Não se fala em corda em casa de enforcado».

Brasileiro: «Cada um é que sabe onde lhe aperta a fivela».
Português: Cada qual sabe as linhas com que se cose».

Brasileiro: «A fressura não é a mãe do boi.»
— «O volume do boi engana o carniceiro».
Para estes dois proverbios só encontro correspondente no nosso português: — «Homem grande, besta de pau».

Brasileiro: «Lança fóra o fubá e poupa o farelo».
— «Quebra a loiça, guarda o palito».
Português: «Desperdiça a farinha e poupa o farelo».

Brasileiro: «Laranja madura na beira do caminho ou é azeda ou tem maribondo».
Português: «Galinha choca a soldado, choca é ela».

Brasileiro: «Olho viu, mão andou».
Português: «Olho vê, mão pilha».

E, por agora, aqui fica a colheita — para que a abundancia não diminua o valor.

Em breve lhes enviarei algumas cantigas do cancioneiro brasileiro, que tem o duplo interesse da linguagem e dos costumes regionais, como as que se referem aos *Reis,* que eram aqui o que as *Janeiras* são na nossa terra.

E digo *eram* porque o Brasil, como todos os países novos que abriram portas largas á imigração e exploração mundial, mal resiste, firmado no seu passado tradicional, á invasão de crenças, de tradições, de usos e linguas diversas de gentes que de todo o mundo acorrem em procura da riqueza, do bem setar, do simples nôvo que a todos os sêres humanos tenta.

O Brasil, no entanto, para ser a grande patria absorvente que nós desejamos que seja para honra da nossa raça, necessita não perder a tradição portuguêsa nem deixar que os nossos patricios se desagreguem do passado para se deixarem absorver por outras imigrações mais numerosas, mas sem as vantagens e superioridades que a mesma origem nos dá.

Por todas as razões e ainda mais morais do que materiais, a imigração portuguêsa é a mais conveniente para que o Brasil continue o ser o que é; mas por isso mesmo convem valorisar a nossa emigração para que não seja de pobres elementos duma absorção irremediavel, perda completa para Portugal como para a continuidade lusa do Brasil.

E por hoje... ponto, que já não é pequena *maçada* a que ora lhes envio.

ANA DE CASTRO OSÓRIO.

O Funchal

[CARTAS INÉDITAS DO DR. NARCISO ALVES DA CUNHA]

IV

Funchal, 1 | 9 | 912.

Meu querido am.º

Escrevo-lhe sob uma impressão de muita tristeza. E' que recebi jornais de Lisboa, de Vianna, Valença e Coura, e não tive o prazer de receber uma letra, sequer, de um amigo.

Pois no correio d'aqui não ha extravio. O director, meu amigo, leva o requinte da sua amabilidade ao ponto de mandar separar a minha correspondencia, logo q. se abrem as malas, e destacar, com ella, immediatam.te um empregado não distribuidor ou carteiro.

Fiquei contrariadissimo. E' claro que isto não é com o meu querido am.º, q. sei muito bem como a sua attenção anda presa e distribuida por mil cousas.

Ha uns dias que temos tido aqui uma verdadeira praga de marinhagem americana e allemã, conservando esta sempre a sua linha correcta e aprumada. A outra... falla inglez.

Hontem subi ao pico mais alto sobranceiro ao Funchal: 917 metros de altitude.

O vertice d'este cóne foi cortado ha pouco tempo, e no planalto está agora o restaurante mais fascinador e bello do nosso paiz. O salão das refeições deve comportar para cima de 600 hospedes. Na frente tem um amplissimo terraço e, a seguir, um jardim, na frente. E' fantastico! A construcção é em cimento armado.

O *maitre d'hotel* era o do Louvre, em Pariz.

Da Inglaterra veiu, expressam.te, uma rapariga para preparar uma bebida aperitiva, para antes das refeições. Tem elevador desde a cidade até junto do edificio, que é o terminus da linha, p.s d'ali só para a atmosphera, só p.a o espaço é que poderia caminhar-se.

Tudo isto se deve á iniciativa e força de vontade de um homem — Manuel Gonçalves, a q.m tanto atiraram os seus invejosos conterraneos p.r causa dos sanatorios da Madeira.

A convite do administrador do Funchal, que quiz offerecer-me lá um *lunch*, é que subi áquella inolvidavel estancia, q. é o prolongamento da do Monte.

Fiquei convidado, pelo referido Glz., p.a, quando o pico não tiver nevoeiro, almoçar lá com elle. Saudades e um abraço.

Narcizo.

Cartas inéditas de Trindade Coelho

XX

28 | 6 | 1900.

Meu caro Julio:

Em vez da sua carta *erudita,* o que você devia ter feito era oppor-se áquelle estenderete do ...., ou, se o *poeta* insistisse em se estender, arredar-se e... apitar pela policia!

Aquillo não se faz, e, m.to menos, se prefacia, — de mais a mais incommodando tanta gente estrangeira, como você fez *eruditamente*. Não lhe sabia d'essa balda da erudição, eu! Ficou o rapaz, decerto, abananado; mas você, creia, ficou encravado! Agora, como é mais um a que eu não sei o que hei-de dizer, venho lavar as mãos deante de quem m'o apresentou... Aquillo cheira-me a conhecimento seu, do Seminario... Quando Deus quer, você é que metteu na cabeça do rapaz a mania dos versos, — e depois teve de se aguentar! Pois fizeram-na bôa, elle e você! Acima d'aquillo, mil furos, está o ....! Emfim, Nosso Senhor lhe perdoe aquelle feio peccado, — se ha perdão p.a peccados d'aquelles! T'arrenego!

Abraços do

Seu do c.

TRINDADE COELHO.

XXI

4 | 8 | 1900.

Meu caro Julio de Lemos:

Então v. foi mostrar as minhas cartas ao ...... e ao outro?! Acabou-se. Façamos de conta que isso me desobriga de lhes escrever, — o que seriamente me atrapalhava! Diabo! o que eu não quero é que elles fiquem zangados comigo, porque o ......, esse ha-de dar coisa boa quando não tiver... namoro! Tenho pensado m.to no demonio do livro, e já o reli. Sempre o mesmo caracter... como direi? — *partícular,* que não é o mesmo que *intimo!*... Acabou-se. Mas o rapaz ha-de desforrar-se, estou certo d'isso, porque é poeta. — Não sabia que v. estava transcrevendo o *In illo tempore* (1). Pois sim, eu lhe mandarei outros *capitulos,* já que ahi gostam; mas o diabo é sahir aquillo tão fraccionado! Emfim, o do João de Deus, vá, porque era extenso; mas sempre que houver maneira de dar aquillo *na integra,* é melhor. Imagine v. um ratão que estivesse n'um grupo a contar uma anecdota, e a paginas tantas dissesse — «Amanhã o resto»! Era de correr com elle.

---

(1) Em folhetins do *Distrito de Viana.*

E ahi não é *amanhã,* porque o jornal nem é diario. Ou é? Se é, peço desculpa.

Cá li o seu conto *Creanças* (1). Conto? Não sei se é assim que se chama áquelle genero, de que tem a *chave do segredo* o Guilherme Gama. Olhe que o *Amar é soffrer* é m.to bem escripto! Parecem-me aquellas paginas rendas de espuma... Aquillo é muito bem feito, — e eu talvez um dia escreva do livro, se bem que me parece que o auctor não gosta de mim... E não me admira. As minhas rendas são de fio grosseiro, d'aquelle com que as raparigas fazem os entremeios e... as meias! As d'elle são para se verem; as minhas para se apalparem...

Bem, adeus, escreva, seu grande preguiçoso! Abraços do

Seu do c.

Trindade Coelho.

XXII (2)

26 | 11 | 1900.

Meu querido Julio:

E vocês a darem-lhe com a minha eleição! Bem se vê que está na provincia, e que — perdoe-me! — não me conhece ainda, talvez porque não convivemos... A minha eleição... você a verá! Espere, que não ha-de esperar muito. E não me falle em porcarias.

O *In illo tempore.* Já prometti a continuação ao *Districto.* Portanto, cumprirei. E não cumpri já, porque não tenho tido tempo de pensar n'essas lindas coisas literarías, — que são as unicas em que vale a pena pensar, a despeito de tudo. Artistas, á politica, só devem ir buscar *documentos humanos,* — e uma vez apanhados, do vivo, trazendo estampadas caras e mãos, — recolherem-se ao seu gabinete, e... fazerem Arte! Fazerem Arte vingadora! O auctor dos *Typos da terra* precisava co-

(1) Incluido nas *Campesinas.*

(2) Entre esta carta e a que na *Limiana* vem sob n.o XXI, ha uma outra, de 30-9-1900.

nhecer ainda outros typos, — que jogam, de cá, com os da terra...

Moita. Segredo. Até breve.

Abraços do

Seu do c.

TRINDADE COELHO.

XXIII

13 | 12 | 1900.

Meu querido Julio de Lemos:

Escrevi hoje um conto, que me parece a coisa mais bonita que tenho feito. E escrevi-o sem querer,—que é a melhor maneira de escrever bem. E escrevi-o no tribunal... — a julgar «policias»! Parti,—como quem ia refundir aquelle conto *Tragedia Rustica,* de que eu não gostava nada, e que tencionava excluir da 3.ª edição; — mas vae senão quando, tomo vôo, e sae-me outro conto, sem parentesco sequer com a *Tragedia Rustica!* D'aquella noite fiz uma alvorada. Do vaso triste que era esse conto, sahiu uma flor azul. A' 3.ª pagina do conto velho, fui andando nem eu sabia para onde, — mas já sem olhar para o outro. — Era a minha desforra, — porque esse conto *Tragedia Rustica* era o unico d'*Os meus amores* que não fôra creado por mim, que não aquecera, por dentro, a minha alma... Copiara-o da realidade estupida da vida, — e viera-me até, esse caso da tragedia, n'um processo, era eu delegado em Portalegre. Era, pois, um caso *alemtejano,* — outro motivo para eu imbirrar com elle, por não ser da minha provincia. Não era da minha provincia, — e aquelles mesmos personagens com certeza não fallavam assim, e a paizagem, alemtejana, era minha conhecida apenas de vista. Mas agora lá tem alma, — e o dialogo é dos «meus amores» lá de cima, — e *está certo!* Dou-lhe esta noticia, — e que o conto lá vae hoje para Paris, com os outros, para se fazer lá a 3.ª edição, que tem mais do dobro das outras duas, e será dividida em 3 partes:—*Amores Velhos; Amores Novos;* e *Amorinhos.*

Adeus, até breve. Breve receberá outro livro meu. Livro...

politico, — mas quasi todo em díalogo! (1) O menos politico, pois, que me era possivel. Ahi lhe irá. Abraços do

Seu do c.

Trindade Coelho.

XXIV

18 | 12 | 1900.

Meu querido Julio:

Este inda é mais bonito do que o outro. Fiz hoje outro conto, — e lá vae, com os outros, para Paris. Este chama-se *Mater dolorosa,* e fixa em palavras de dôr a dôr de certa mãe que eu vi uma vez á porta da sua casinha rustica, tendo nos joelhos, como n'um berço, o filho quasi a expirar. Era um *cliché* que eu tinha dentro de mim, — e que se *revelou* agora. Estou contente. O conto dá o maximo, parece-me a mim, da simplicidade da fórma. O Antonio Corrêa ficou doido com elle, e o Lopes Vieira, o Henrique de Vasconcellos chamou-lhe o meu «melhor conto», — e minha mulher fartou-se de chorar quando m'o ouviu lêr. Lagrimas de mulher são o melhor baptismo para as obras d'arte, — e começo a crêr que o conto sahiu rasoavel. Vel-o ha, quando regressar de Paris, com os outros. Veremos se o livro circula, não obstante ser 3.ª edição. Mas é augmentado em mais do dobro, — e com isso quero eu protestar contra a mania que todos teem de publicar muitos livros... Eu é que não quero senão este, — e n'outra edição, se Deus quizer, o augmentarei.

Recebeu a outra m.ª carta em que lhe fallava no outro conto recente? Chama-se, esse, *Manhã bemdita.*

Adeus, escreva. Abraços do

Seu do c.

Trindade Coelho.

---

(1) Refere-se á obra «A minha *candidatura* por Mogadouro (Costumes politicos em Portugal)». Lisboa. 1901.

AO CORRER O PANNO

Apresento o meu Silvio, (1) alma plena d'encantos,
Que ao livro transportou, em versos burilados,
Scintilações d'amor, ou nuvens de cuidados,
Onde o poeta ri, ás vezes, entre os prantos!

Ergueu no altar cerúleo a deusa imaginaria,
Que n'um sonho ridente, além, passou n'um dia,
Ficando d'harpa eólia a eterna melodia,
Que em lagrimas adoça uma alma visionaria!

Exagéra na dor! Do espinho faz a lança;
E d'um fortuito olhar faz surgir a ventura.
Desfere o plectro seu as lyras d'uma trança,
Com brilhos de setim e como a sombra escura.

E d'essa lyra ignota ha sempre uns madrigaes
Que teem a rósea luz, a diáphana côr,
Com que o poeta esmalta o seu tão fino amor.
Dissolve na paleta auroras boreaes!...

. . . .

Quem te apresenta a ti, pergunta uma voz crúa,
Faz apresentações quem não é conhecido?!
Respondo como alguem, n'um caso parecido:
—Ninguem me apresentou. Eu vou já para a rua!

Ponte do Lima,
Julho de 1895.

AUGUSTO FORTE-GATO.

---

(1) Refere-se a Silvio Flores, pseudónimo que Severino de Faria, um dos directores desta Revista, usou por longo tempo.
Estes versos, como adiante se diz na «Página de luto», eram destinados a proémio dum livro.

Página de luto

Página de luto — e luto espesso, porque se trata de sêres que nos foram caros e que sempre chorarêmos com saudade bem acerba.

Cinco são êles, os queridos mortos – e poucas vezes nos haverá custado tanto escrever como hoje, em que temos de arrancar ao espirito conturbado as rápidas linhas em que fixêmos os seus perfis e comemorêmos seu passamento. E' que doi, doi muito falar dos eternamente emudecidos!

Augusto Forte-Gato (1)

Fantasia rica. Análise raro exacta. Linguagem clara, vibrante, simpática.

Da sua opulenta imaginação ficaram-nos as *Auras* (1875) e as *Ruinas* (1895), alêm de uns 4 folhetos, entre os quais o que intitulou *Pátria* (1895), constituído por meia-dúzia de sonetos de férvido entusiasmo pelos herois de Coolela e Manjacaze.

A sua pouco rigorosa observação está documentada em várias composições que dedicou a João Franco, nas quais, em vez de fazer justiça àquêle político, o bajula em termos que ao próprio homenageado se haviam de afigurar insignificantes, por excessivos.

Inserimos neste n.º da *Limiana* um inédito do delicado poeta, escrito para servir de introito a um livro de líricas que Severino de Faria nunca chegou a estampar.

Dr. António de Pádua (2)

Uma glória de Ponte-do-Lima que a tuberculose martirisára durante 15 anos e por fim prostrou, descaroavelmente.

Médico abalisadissimo, iludiu-se uma vez: — foi consigo

(1) Faleceu em 5-12-913.
(2) Faleceu em 11-2-914.

mesmo. Em sua missiva de 30-5-912, dizia-nos êle: — «Eu não conto porêm deixar de melhorar; e logo que possa farei o peq.º art.º que tencionava escrever e enviar-lhe, pois tenho até já assunto escolhido. Lá irá ter apenas eu possa escrevê-lo »

Não pôde, infelizmente, escrevêr êsse artiguinho — nem, ai de nós! o escreverá já, o grande clínico, que uma vez única se enganou em face da Doença.

Era um talento culminante e um carácter cristalino.

Honrou a Universidade de Coímbra, honrou a terra natal e honrou o seu velho mestre (1), que o estremecia como um filho dilecto do seu espírito e dêle recebeu em vida o mais alto preito que podia merecer-lhe, — aquela soberbíssima biografia saída na *Mala da Europa,* em 1897, e que foi o 1.º escrito publicado pelo discípulo insigne.

Paulino de Oliveira (2)

O superior espirito que ditára os *Cânticos Sadinos* e o *Auto do Ano Novo* era um poeta de tons atenuados e subtis e possuia uma técnica perfeita.

Influenciado pela corrente pessimista que nos deu os 1.os livros de Antero de Figueiredo, Delfim Guimarães e outros notaveis impressionistas, èle enfeixou na colecção de sonetos *Dôr* as ùnicas páginas torturadas que eu lhe conheço — e essas mesmas tam agradaveis para os olhos como um leque de rendas finissimas e de coloridos imprevistos...

Colaborou na *Limiana.*

A sua Esposa, a senhora D. Ana de Castro Osório, que na presente edição desta Revista firma uma preciosa monografia digna dos seus elevadíssimos créditos de escritora e educadora, a expressão do profundo pesar com que a acompanhamos na sua dor sagrada e inconsolavel.

D. Amélia Jani (3)

Era uma artista com abundância de alma, expressão,

(1) Referimo-nos, é óbvio, a Miguel Roque dos Reis Lemos.
(2) Faleceu em 13-3-914.
(3) Faleceu em 19-3-914.

vigor, produzindo poemas de mùsica enleante e uma captivadora fluidez.

Os roseirais em flor e as volatas dos rouxinois não tinham segredos para essa adoravel intérprete dos corações e da natureza.

Ajustava-lhe á maravilha aquêle verso em que ela definia, em 1877, a célebre cantora Celestina de Paladini: — «Mulher, artista, criação prodigio!» ; e uma quadra sua, de 1875, a propósito de uma insigne pianista, Rita de Vasconcellos Abreu, poderia com verdade inscrever-se no frontal do livro em que mãos piedosas (1) enastrassem os seus cantares:

Risos, lamentos, poesia imensa,
dôres da terra, sonhos do ceu,
amôr, saudade, tristeza e crença:
— tudo revelas no verso (2) teu!

Ha trabalhos da ilustre dama que a colocam entre os cultores da moderna poesía panteista:

. . . . . . na fôlha que treme,
quer esteja solta, quer presa,
palpita, soluça e geme
a alma da natureza! (3)

O grande jurisconsulto e escritor admiravel que é o Dr. Pinto Osório — outro egrégio ornamento de Ponte! — disse dela tudo quanto poderia dizer-se no *Amanaque de Ponte-do-Lima para 1910*. No estudo dêsse nosso venerando conterráneo, lêem-se as sentidissimas estrofes *Aos anos de minha Mãe,* que são um verdadeiro encanto de arte literária.

A' *Limiana* cabe a desvanecedora honra de recolher, neste n.º, os derradeiros acordes da lira da inolvidavel senhora, consagrados á nossa idolatrada vilasinha natal.

---

(1) ¿Não estimaria o sr. Dr. Pinto Osório entregar-se a essa agridoce tarefa?

(2) Substituímos a palavra *piano*, do original, por essa outra: — *verso*.

(3) *Estâncias*. 1889.

D. Zulmira de Sá (1)

Imprimía aos seus versos a mística e suave harmonia dos eleitos. Vasava na sua prosa belos dísticos de uma reflexão sazonada. Aquêles tinham a símpleza casta das confidências. Esta era perfeita de pensamento e de fórma e nela poz, nos últimos tempos, toda a coragem das suas mais íntimas convicções.

Guardamos cartas dela primorosas, que se não reproduzem aqui por naturais melindres. São inestimaveis, como documentos auto-biográficos e especimes da sua realização.

Colaborou na *Miosotis*, revista que dirigímos em 1897.

Lamentamos que o seu nome não ficasse tambem na *Limiana*, ligado a qualquer produção do seu estro.

J. DE L.

Mar de encanto...

Andam meus olhos palidos vogando
No mar de encanto do teu lindo olhar
E, quanto mais meus olhos vám singrando,
Mais eu me prendo ás ondas dêsse mar ....

Nelas me prendo e sinto-as enleando
Meu coração nervôso a palpitar,
Que, mansamente, afaga, dôce e brando,
Teus olhos meigos, rôxos de chorar ...

E, na tortura dôce dêste enleio,
Sou o marujo dêsse mar extranho,
Onde navego em louco devaneio ....

E marujo e poeta eis-me a cantar
Por sôbre as aguas dêsse mar castanho,
Profundamente lindo em teu olhar!...

Ponte do Lima, Set.º de 1913.

TEOFILO CARNEIRO.

---

(1) Faleceu em 25-3-914.

SONHOS DUM SCÉPTICO

A minha alma é como a vaga que vem morrer á praia; entumece quando eu sou moço, definha-se quando eu fôr velho e aniquila-se quando eu baixar ao túmulo.

Que sou eu agora? Um composto químico dotado duma energia, que se chama vida.

Que serei depois? O produto resultante duma reacção em que o reagente foi a morte.

Que dados me afirmam a imortalidade da alma? Consciência, fé, rasão, sentimento, isto é, manifestações dela própria. Não será isto um círculo vicioso?

Se Deus não fôra o maior dos absurdos, seria o maior dos ridículos!

Porto, 1875.

José Augusto Vieira.

Livros recebidos

Delfim Guimarães é, inquestionavelmente, um homem de letras abalisado e operosíssimo.

Não ha género que êle não tenha explorado — e a cada tentativa do seu cálamo admiravel, corresponde sempre um triunfo dos mais completos e mais invejaveis.

Na sua obra, já espessa, enumera o talentoso publicista notaveis trabalhos de crítica e investigação, peças teatrais aplaudidas, deliciosos contos e poemas em prosa, uma colecção brilhante de livros de versos, um romance soberbo, — e breve incluirá nela um estudo histórico de grande valia, sôbre Napoleão I.

O soberbo romance a que aludo, e que eu acabo de reler em 2.ª edição, é muito conhecido dos meus patricios, pois sendo pela primeira vês publicado em folhetins no *Lima*, despertou em Ponte geral interêsse,—não só porque Delfim é da terra, mas porque o enrêdo que desenrolou é todo pontelimense.

O Bosquedo, na sua linguagem tam límpida e tam exacta, póde bem tomar-se como modêlo de *novela de costumes*.

—— A empresa da *Aurora do Lima* está compilando em folhetos as produções que Camilo estampou naquela fôlha, desde 1856 a 1859.

Presta tal empresa um assinalado serviço aos devotos do emérito escritor, porque nas páginas do velho periódico vianez estão inúmeras preciosidades do punho daquêle espirito excelso.

Publicados 2 opúsculos.

J. de L.

Revista literária pontelimense

Directores:

JÚLIO DE LEMOS E SEVERINO DE FARIA

N.º 11 — JUNHO DE 1915

SUMÁRIO:

Edição e propriedade da empresa da LIMIANA — Redacção e administração, Rua da Bandeira, 110, Viana-do-Castelo — Composto e impresso na oficina de José de Sousa, Rua Cândido dos Reis, 31, Viana-do-Castelo.

Os estudos de historia local

Ex.^mo^ Snr. Director da *Limiana:*

Para preencher o espaço que a gentileza de V. Ex.ª reiteradamente põe ao meu dispôr, não encontro assumpto mais de accordo com a indole da sua revista e com as minhas ordinarias preocupações do que a exposição do meu pensar acêrca do papel, que impende ás revistas locaes, assumpto que não deixa tambem de ter sua opportunidade. E digo desde já que lhes impende determinado papel, porque estou convencido de que, independentemente das feições varias que pódem tomar, ellas pódem tambem irmanar-se numa commum missão, que longe de as subalternizar, as dignifica, eleva e autonomiza. De facto, eu julgo que uma revista local, sem excluir propositos litterarios, póde sobremaneira contribuir para o desenvolvimento e avigoramento do tradicionalismo local, dando a base racional ao sentimento da terra e arraigando o espirito municipalista. A diffusão dos estudos de historia local teria assim duas consequencias, a do progresso da historia nacional, synthese geral das pequenas ephemerides locaes, e a mais interessada do sentimento local.

Para que esta obra fosse concorde nas varias contribuições parcellares e para que nos trabalhos da organização houvesse harmonia, algumas providencias se exigiam, que pela sua natureza só o Estado podia promulgar. Poderia o paiz ser dividido em *provincias historicas*, divisão que não contraría muito a divisão regional em provincias, e que era mais sensata que a divisão administrativa em districtos, por exemplo do modo seguinte: Minho, com capital em Braga; Traz-os-Montes, com capital em Bragança; Douro, com cap. no Porto; Beira Alta, com cap. em Coimbra; Beira Baixa, com cap. na Guarda; Extremadura, com cap. em Lisboa; Alemtejo, com cap. em Evora; Algarve, com cap. em Faro. (1) Nestas capitaes a publicação duma revista faria trabalho de divulgação. Nella se

---

(1) Não é esta a cidade algarvia em que mais abundam as recordações historicas. Seria capital por ser hoje o centro da administração civil.

narrariam acontecimentos das guerras peninsulares e civis, da politica nacional, etc.; nella se explicariam todas as curiosidades historicas, padrões, brazões, palacios, templos, castellos, pelourinhos, quadros, ruinas, etc. Ao mesmo tempo, por quotização entre as municipalidades, publicar-se-hiam volumes de documentos dos archivos publicos e particulares, elaborados todos de accordo com um plano préviamente estabelecido, quanto á maneira de extractar, de grupar e de classificar, de fazer os indices, etc. Nás regiões, cujas capitaes occuparam na historia primacial lugar, essas capitaes seriam objecto duma preferente attenção, como Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Evora, independentemente do territorio a ellas subordinado.

Desta maneira, com tenacidade e methodo, ao fim de alguns annos lograriamos ter publicado toda a documentação historica, — pelo menos aquella que estava sob a alçada do Estado e das municipalidades, o que combinado a um ensino pratico (1) nas faculdades de letras daria as condições precisas para o incremento das sciencias historicas.

Quando alguns eruditos houvessem elaborado as suas monographias locaes, seria possivel incluir no programma do ensino primario, como ha tanto tempo se deseja, um capitulo sobre a historia da região ou da cidade ou da villa, em que a creança passa a sua infancia e na qual trabalhará, quando adulto. A maior parte do rapazio vive em pequenas aldeias, casaes perdidos, com individualidade historica, é certo, mas todos sabemos tambem que essas aldeias e esses casaes estão numa directa dependencia doutra povoação proxima, mais importante, cidade ou villa, que não deixa de ser tambem a pequena patria, e que exerce uma grande acção suggestiva. Nos lyceus das capitaes dessas *provincias historicas* leccionar-se-hia uma disciplina de historia da região. E nisto não havia novidade, porque a actual organização do ensino português já contém alguma diversificação regional. Que foi a creação duma faculdade de commercio no Porto e que é a existencia de es-

(1) Chamamos ensino pratico das sciencias historicas áquelle que se exerce no convivio dos documentos, com o fim de apetrechar o estudante com os indispensaveis conhecimentos das sciencias auxiliares, paleographia, epigraphia, numismatica, diplomatica, esphragistica, etc., etc., habilitando-o a, por si, fazer historia.

colas industriaes senão uma condescendencia a essa necessidade? No estrangeiro, ou limitando para só tomar um exemplo sempre bem acceito em Portugal, em França essa diversificação regional chega até ás Universidades. Em Bordeus, ha uma cadeira, com seu professor titular, de historia de Bordeus e do sudoeste da França.

Dos resultados educativos desse ensino da historia local dão conta os relatos dos proprios professores, cujo tacto pedagogico e cuja experiencia vão já organizando o seu methodo, sempre variado e sempre com o condão de interessar os alumnos. Ainda em França, paiz em que se póde exemplificar todo o bem e todo o mal, esse ensino tem alguns devotados apostolados. E' um delles M.elle Madeleine Casse, professora de historia no *Collège de Jeunes Filles d'Evreux*. Dos seus esforços e dos resultados obtidos nos faz uma exposição na *Revue Universitaire*, de 15 de Dezembro de 1913.

O Brasil, que não tem tído historiadores de envergadura, porque curta é a sua historia nacional e escassa a documentação que possue, tem todavia numerosos centros de estudos de historia local, que outra coisa não são os Institutos Historicos do Rio de Janeiro, de S. Paulo, Parahyba, Ceará, Aracajú, etc., etc. No Ceará, esses estudos têm um cultor distincto pelo methodo de trabalho e pela actividade persistente, o sr. Barão de Studart.

Alguns passos se hão já dado em Portugal que mostram que as idéas que vimos expondo, se se fossem executando, algum favor obteriam.

No Congresso Nacional de 1910, o sr. Victor Ribeiro defendeu, em nome da Associação dos Archeologos Portugueses, uma these intitulada *Influencia da tradição monumental e local no desenvolvimento do «turismo» no paiz*. Fosse embóra muito outro o pensamento principal desta these, as considerações que a preenchem inteiramente concordam com as que expusémos. Algumas revistas locaes existem, *Limiana*, de Ponte do Lima; *Figueira*; *Revista de Guimarães*; *Revista do Minho*, de Espozende; *Instituto*, de Coimbra; *Illustração Villacondense*, de Villa do Conde; *O Tripeiro*, do Porto; e *O Ave*, de Santo Thyrso. Para que estas revistas bem cumprissem a missão, que lhes incumbia, teriam de sacrificar um pouco os proposi-

tos litterarios que frequentemente as animam. Destacaremos a *Illustração Villacondense,* do sr. Pereira Sobrinho, como a que neste ponto de vista mais satisfaz. O exemplo das municipalidades publicarem documentos está tambem dado pela camara de Lisboa, que manteve a publicação da obra, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, colligida por Freire de Oliveira; pela camara do Porto, sustentando a publicação dos inéditos da Bibliotheca Publica, alguns de historia local, como *Anacrisis historial*, de Manoel Pereira Novaes; e ainda pela camara de Bragança, mandando publicar, tambem a expensas suas, as *Memorias historico-archeologicas do districto de Bragança,* do nosso consocio, sr. Francisco Manoel Alves. Eruditos que cultivem a historia local, já publicando documentos, já elaborando monographias de povoações, de acontecimentos ou de corporações, temo-los tambem, dos quaes apontaremos, alêm do já citado, os srs. Pedro Fernandes Thomaz, Simões de Castro, Paulo Rocha, Pedro Judice, Athayde e Oliveira, Victor Ribeiro, Pedro de Azevedo e o notavel auctor da *Lisboa antiga,* o sr. Visconde de Castilho. A protecção do Estado a este genero de estudos tambem já se manifestou; em 1909, o sr. Barjona de Freitas, sendo ministro das obras publicas, pôs a premio as monographias locaes. Finalmente, a necessidade de subordinar estas monographias a um plano geral, a um mesmo typo que preveja omissões e que impeça superfluas ostentações de erudição, nem sempre guiadas por um severo espirito critico, já na *Revista de Historia* foi expressa. No n.º 7, o sr. Manuel Silva apresentou um projecto no seu artigo *Eschema de historia local,* e ainda no mesmo n.º, no plano do projectado Congresso historico de 1915, se incluiu uma these assim intitulada: *Historia local. Plano duma monographia-typo. Mappa indicativo das localidades estudadas.*

Assim se organizariam pequenos centros de estudos provinciaes, e dessa actividade protegida pelo Estado e pelas municipalidades, a coberto do seu maximo obstaculo, as despezas da publicação, outras iniciativas sahiriam, como museus regionaes, bibliothecas e archivos, com que muito lucraria o ensino lyceal nalgumas cidades capitaes de districto completamente desprovido de subsidios, principalmente o dum pequeno convivio intellectual que eleve e dignifique.

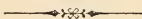
Os que advogam uma politica municipalista e regionalista — e nesse sentido se começa a esboçar um pequeno movimento — encontrariam na historia local a base para o seu systema, pois que para cada municipio particular será preciso fazer o que Herculano fez para a instituição geral, *accordá-lo*. A legitimidade da descentralizacão administrativa póde defender-se, mas o que, sem se activarem os estudos de historia local, se não póde affirmar é que a tradição municipal perdurasse, através de toda a historia patria, viva e pura.

Agradecendo, sr. director, a gentileza penhorante da sua hospitalidade, sou, com viva estima,

De V. Ex.ª
mt.º att.º e admirador,

Fidelino de Figueiredo.

---

nota. — Este artigo foi escripto no fim de 1913, pelo que não enumera factos posteriormente occorridos, que viriam em abono desta thése. Apenas apontaremos os *Programmas de Historia para o ensino secundario*, no n.º 13 da *Revista de Historia*, em que o auctor já incluiu a historia local no curso complementar.

TERRA AMADA

Aldeias lindas da minha terra,
Todas doiradas de etérea luz,
Verdes colinas, águas da serra
Banhando a várzea que o sol descerra
Em frutos loiros que bem produz.

Nas ermidinhas, brancas, caiadas,
Que ao longe alvejam em festival,
Ha romarias muito animadas,
Onde os rapazes co'as namoradas
Dançam à sombra do pinheiral.

É nessas danças que as raparigas,
Seios arfando, bôca a sorrir,
Soltam, vibrantes, lêdas cantigas,
Sempre brejeiras, mas sempre amigas,
Na expectativa de áureo porvir.

Com os cabelos já dealbantes
Vão lavradeiras acompanhar,
Ás mesmas festas a que iam dantes,
As filhas jóvens, sécias, galantes,
Que os moços prendem dum só olhar.

São para elas tardes saudosas,
Que ora recordam com mágoa e dor
De quando novas e donairosas
Assim passaram horas ditosas
E se ligaram num terno amor.

Sob o arvoredo, promiscuamente,
Grupos merendam ali no chão,
E aos raios ténues do sol poente,
Saí das ermidas, cruzeiro em frente,
Dando umas voltas, a procissão.

Romagens findas, em debandada,
Alegres voltam aos seus cazais,
Para de novo, na madrugada,
Dar rega ao milho na terra amada,
Ripar o linho para os bragais.

Severino de Faria.

Cartas inéditas de Trindade Coelho

XXV

26 | 1 | 1901.

Meu caro Julio:

. . . .
. . . .
. . . . . . (1)

Os *Meus Amores* estão seguindo. Lá lhe offereço um conto. E aqui um abraço do

Seu do c.

TRINDADE COELHO.

XXVI

27 | 1 | 1901.

Meu querido Julio:

A minha carta d'hontem deve tel-o convencido... de que não estamos zangados. Credo! Zangados porquê? Só se eu fosse muito mau e muito ingrato. Pelo contrario, senti m.to praser outro dia quando escrevi o seu nome nos *Meus Amores.* Tambem são — meus amores — aquelles a quem offerto algum conto meu, e o seu nome, no campo litterario, é das maiores devoções do meu livro. Já não sei qual dos contos lhe offereci, mas isso não faz ao caso: a questão é da intenção, e que o seu nome, ali, lembre aos outros que está tambem no meu coração.

Não conheço a tal *Revista Livre,* — titulo um tanto patusco. Em Coimbra está inedito um conto meu á espera do 1.º N.º da Revista que m'o pediu, e que provavelmente não chega a sahir. E eu desconfio muito de tudo o que no genero se projecta em Coimbra. Mas como é que o Julio Lobato, no Porto, faz uma Revista em Coimbra? Emfim, deixe vir essa coisa, — a vêr que tal vem.

(1) Omito a maior parte desta missiva, que trata de politica e tem as rúbricas de *Confidencial* e *Urgente.*

Pois meu querido Julio! é como viu nas *Novidades!* Estou a *bater o fado* com umas poucas de typographias, e levo horas n'essa infame coisa que se chama *rever provas* e aturar a estupidez de typographos! E' indisivel e imprevísta a estupidez d'esses cavalheiros, — e ainda por cima eu estou sempre desconfiado tambem de mim mesmo, porque sou um pessimo revisor d'aquillo que escrevo! Emquanto estou à meza a escrever, — é uma delicia: não ha goso maior! Mas em largando o original p.ª as mãos sujas dos typographos, amargo esse goso! Tenho querido vêr se attenuo a minha aversão por typographos e typographias á conta do pittoresco da estupidez, que a cada hora descobre formas novas e sempre imprevistas. Não ha meio. Hontem emendei eu pela 4.ª vez uma virgula quebrada, que era um esqueleto de virgula que morrera tisica, — e na prova de machina apparecem-me *duas virgulas* — a tal, e outra! E a palavra *saciedade,* aqui-d'el-rei que havia de ser *sociedade;* — e quando corro á machina, desconfiado de que as minhas batalhas pela palavra *saciedade* tinham ficado, provavelmente, sem resultado, esbarro outra vez com a *sociedade,* e com a cara alvar do chefe da typographia que me diz assim: — «O' snr. doutor! Mas nunca ninguem disse *saciedade:* toda a gente sabe que é *sociedade!*

Valha-me Deus! O que me vale é que as provas que me veem de Paris quasi não trazem um erro, — e o mesmo as do França Amado!

Bem, mas adeus. Breve começará a receber todas *essas coisas.* Abraços do

Seu m.^to^ affectuoso
Trindade Coelho.

XXVII

31 | 3 | 1901.

Meu caro amigo:

Pois meu amigo! já me suppunha *riscado* da sua amizade e até das suas... relações! Porquê?! Palpites... Eu sei o meio em que vivo, e conheço bem os bastidores da imprensa... De resto, pouco me importa. Sigo o meu caminho, — e cada vez com mais coragem, o que é m.^to^, e com mais fé, o que é tudo... Vamos adeante. Folgo, em todo o caso, de o reen-

contrar, mas, repito-lhe, já o não esperava. O seu silencio — não digo nos jornaes — coincide com outros... Mas nós cá estamos todos, cada um no seu logar, com a ajuda de Deus. Até suppuz que o escandalisasse a noticia que lhe dei de que lhe offerecia um conto na 3.ª edição dos *Meus Amores*, visto que nem a tal alludiu — não para o agradecer, palavra d'honra que o não esperava, — mas para dizer ao menos «cá recebi». A mim não me incommodam estas coisas senão quando partem de pessoas em relação ás quaes eu estou de boa-fé, — e de peito-a-peito. Mas viu que eu não me tenho desviado da minha linha. E isto é um desabafo. (1) Creia-me

Seu m.^to^ aff.^o^

TRINDADE COELHO.

XXVIII

6 | 3 | 1902.

Meu querido Julio de Lemos:

Ora graças a Deus! E quando eu lhe não pedisse, pelo que lhe quero, todas as felicidades para o seu casamento, pedia-lh'as pela agradavel surpresa da sua carta! E que boa noticia me dá! Verá que o casamento ainda é a melhor coisa que ha — quando se casam as almas. E eu vejo a sua casada á de sua Esposa e ainda Noiva, e isso me diz a sua felicidade e dá m.^to^ calor ás felicitações que lhe dirijo. A si e a Ella. Mereciam-se, desde que ella é boa e o Julio de Lemos é intelligente. A intelligencia é a nossa bondade, de nós outros, e tanto que os maus são em geral estupidos. Mas ha-de reconhecer quanto a bondade das mulheres, feita de affectos, é differente da nossa — feita de ideias... Isso tambem tem suas

(1) Ainda hoje, decorridos 13 anos sôbre a data desta carta, ela me faz sofrer, continuando para mim como um tristissimo incidente inexplicavel. Não tenho quaisquer remorsos de haver sido incorrecto ou ingrato com o Mestre. Nunca poderia — eu, que lhe devia extremos de afecto! — imaginar sequer que um gesto meu o melindrasse. O que parece mais certo, é que na minha vida de trabalho constante se houvesse produzido um determinado parêntesis de mutismo que maguasse o querido Amigo, por se lhe afigurar proposital.

vantagens a nosso favor: soffremos menos o desamor; e eis ahi porque a mulher é ciosa dos seus affectos: porque soffre mais quando os perde... Emfim, Julio, só lhe digo e desejo isto: — sejam amigos e tenham filhos. E n'esta carta mais nada; senão que apresento a sua Esposa as minhas devoções e os meus respeitos, e a alegria que me causa o estar, como o Julio me diz, nas suas sympathias. Com perdão das sympathias dos homens, gósto m.to mais da das mulheres, e só para ellas, e para as creanças e p.a os pobres, vale a pena escrever! Vae hoje p.a Paris um livro novo — que ainda ha-de vêr nas mãos dos seus filhos! Adeus!

Abraça-o de todo o coração o

Seu do c.

TRINDADE COELHO.

XXIX

22 | 1 | 1904.

Meu caro Julio de Lemos:

Só hontem recebi o seu livro, (1) e estava morto por isso para o apanhar *em cheio!* Li-o d'um trago — e gostei! V. é evidentemente um bello Artista; e se essas paginas peccam por alguma coisa, é pelo excesso de carinho com que foram escriptas, e que parece ás vezes *affectação.* Mas é cheio de verdade o seu livro, e banha-o a mesma luz suave que illumina o paizagem minhota! E' um livro bem portuguez, o seu, — e acima d'este elogio merecido, não o ha que mais valha; — e outros merece com igual justiça. Os descriptivos teem côr e viço, e o dialogo é em geral exacto. Dou-lhe m.tos e m.tos parabens; e garanto-lhe que o livro excedeu a minha espectativa, que era excellente. Certos *maneirismos* á moda francesa, e que outro escriptor nosso tambem usa muito, precisam ser relegados da sua obra futura; e conseguido isso, o que é facil, e vincada m.s fundamente a *intenção,* ou o fim psychologico dos seus themas d'Arte, os seus contos, hoje já

(1) Refere-se ás *Campesinas* (Quadros do Minho). Lisboa. 1903.

notaveis, serão modelares. Abraça-o com vivo praser, felicitando-o de todo o coração o

Seu m.[to] adm.[or] e amigo
Trindade Coelho.

XXX

3 | 11 | 1905.

Meu caro Julio de Lemos:

Muito obrigado pela sua nova gentileza e peço-lhe que beije por mim as mãos de sua Ex.[ma] Esposa. Penhorou-me muitisssimo a delicada lembrança; e vae ser guardada entre as mais queridas a doce photographia,—que o é tambem de duas lindas e amorosas almas... Muito e muito obrigado, meu querido Julio. — E m.[to] obrigado, tambem, por se lembrar de novo do seu velho amigo, com uma carta sua, como d'antes! Já tinha saudade da sua caligraphia, do estylo das suas cartas, de um conto seu; e como agora mesmo acabei de ler o que me mandou, o *Azul e Negro,* (1) á minha gratidão pela remessa accresce o prazer da leitura. Está excellente, o seu conto; e o seu unico *senão,* para nós outros que não conhecemos a região descripta, está na minuciosidade do descriptivo, que nos impede, um pouco, de phantasiar o *real*... N'isto de descriptivos de campo eu nunca copiei; mas tambem, nunca deixei de traduzir n'uma descripção de paizagem uma somma de *impressões reaes*, de paizagens *realmente vistas*. E creio ser essa a unica maneira de *suggerirmos* ao leitor a visão do campo. A paizagem, como disse o outro, é com effeito «um estado d'alma». — Bem, não se esqueça de mim. Os meus respeitos a sua Ex.[ma] Esposa, e p.[a] o Julio m.[tos] abraços do

Seu do c.
Trindade Coelho.

XXXI

8 | 2 | 1907.

Meu caro Julio de Lemos:

Recebo n'este instante o seu postal; — e apresso-me a

(1) Refere-se ao conto que, com êsse titulo, publiquei em *O Instituto,* de Coimbra (vol. 52.º, pagg. 565-572), ano de 1905.

dizer-lhe—*sob palavra d'honra*—que nem recebí a acta, (1) nem vi allusão alguma em jornaes, nem pessoa alguma me disse nada! Foi absoluta novidade para mim, o que me diz; e certamente eu agradeceria hoje mesmo, sem mesmo vêr a acta, se soubesse de que assumpto se trata! Ora reparando no seu postal, vejo que deve ter sido a m.ª doença a causa d'isto tudo, pois cahi de cama no dia 17 de dezembro, e só de lá sahi um mez depois. O facto deu-se, pois, nos dias de mais gravidade da m.ª doença; mas não deixa de me espantar, ainda assim, que não me tenha chegado ás mãos a acta a que se refere. — Seja como fôr, acabo por onde comecei: sob m.ª palavra d'honra, foi novidade absoluta p.ª mim o seu postal, que eu lhe agradeço, e muito, por me ajudar a sahir de uma posição falsa. Diga-me, pois, de que se trata, p.ª eu, sem demora, agradecer. — Abraça-o o

Seu mt.º aff.º
TRINDADE COELHO.

XXXII

14 | 3 | 1907.

Meu caro Julio de Lemos:

Escrevo hoje ao Senhor Presidente da Camara Municipal agradecendo-lhe a manifestação com que me honraram e pedindo desculpa da demora involuntaria. A prosa da acta diz-me, porém, a parte que o Julio de Lemos tomou no caso, e não é menor, por ella, o meu agradecimento. Era escusado tanta coisa, já que eu não valho nem mereço uma parcella minima de taes elogios, que só são filhos da sua velha e prodiga amisade por mim. Muito e m.to obrigado,—e tambem pela sua carta. — Quanto ao final, não fallemos n'isso. Já nem sei precisar factos. O **** fez mal em alludir a tal coisa; e se era certo que estava um tanto zangado, ficam feitas as pazes. E' até possivel que a m.ª zanga fosse *sem razão;* e afinal nem zanga era: apenas desgosto por me vêr mettido em *coisinhas pequenas,* de que se fazem ás vezes *grandes coisas,* conforme os temperamentos. Mas, repito, não fallemos n'isso, que pas-

(1) Fala da acta da sessão da Câmara Municipal de Paredes-de-Coura de 20 de Dezembro de 1906, em que a vereação daquele concelho lhe prestou uma eloquente homenagem, a propósito das publicações educativas feitas pelo grande escritor.

sou. — Com os meus respeitos a sua Ex.ma Esposa, um abraço do

Seu do c.
TRINDADE COELHO.

XXXIII

Lx.a 23 | XII | 1907.

Meu caro Julio de Lemos:

Olhe que o que eu fiz não merece elogios. (1) Ordenado, terço, aposentação, montepio (que era o pão de minha mulher quando eu morresse) tudo isso me não occorreu sequer. Nem a ella, que sendo a unica pessoa que viu e soube do meu requerimento antes do governo, disse—que «era o meu dever». Fiz o que *nem podia deixar de fazer;* e onde não ha esforço, não ha virtude. Acharia mesmo tão natural que ninguem me fallasse n'isso, como achei natural — *fazel-o.* Emquanto se tratou de applicar *leis,* estive no meu posto, que era tambem de confiança da mesma soberania nacional que faz as leis. Mas *por isso mesmo,* eu não podia servir o *arbitrio,* que é o contrario da lei. Retirei-me, naturalmente. E' que a dictadura não é quem a faz: é quem a executa como carrasco ou se lhe submette como escravo. *O que eu fiz,* repito, não merece elogio; *o não fazer* como os outros, talvez. Mas é differente. Prouvera a Deus que eu me não tivesse singularisado n'um momento d'estes, que o meu acto houvesse passado despercebido por se fundir e confundir com o dos *outros.* Não tive culpa. O que eu fiz, fil-o tão simplesmente, que quasi *nem dei fé.* E se todos vissem como custa pouco, todos o teriam feito, — e a questão ficaria liquidada em 24 horas. — Agora, vamos para a vida, que não mette medo a quem cedo se habituou a trabalhar e a quem tendo sido pobre toda a vida, e sem ambições de casta nenhuma, com pouco se contenta.

Adeus. Abraça-o pelas suas novas bondades, o

Seu do c.
TRINDADE COELHO.

---

(1) Esta carta foi-me dirigida a propósito do artigo *Dr. Trindade Coelho,* que na «Vida Nova» de 18 de Dezembro de 1907 publiquei, tratando da atitude do insigne magistrado em face da ditadura.

XXXIV (1)

Meu caro amigo:

Recebi e li immediatamente os seus contos na *Aurora do Lima.* Gostei. Isto diz-lhe tudo. São os contos que o meu amigo pode fazer agora, creança como é, mas que já valem mais, pelo que são, e sobretudo pelo que revelam, do que a maior parte d'essas coisas que para ahi se escrevem, com o nome de contos, e que não são coisa nenhuma. Os seus contos são os contos de todos os rapazes da sua idade que tivessem o seu talento. Ao lel-os, embora me não sinta com o seu talento, eu comprehendi que na sua idade, se escrevesse contos, os escreveria assim, — e isso ainda lh'o pode entremostrar o meu conto *Arrulhos,* e, se visse a primeira versão, o meu conto *Mãe*... Tem sensibilidade de retina, tem sensibilidade de ouvido, e tem qualidades litterarias. Mas tudo isto com muitos defeitos ainda, — mas defeitos que não são *negativos*, isto é, lacunas de qualidades: defeitos que são *exageros de qualidades.* A vista, por vezes, não lhe dá perspectivas rigorosas, e atraiçoa-lhe as proporções das coisas; o ouvido, *ouve de mais;* a litteratura é por vezes demasiado ostensiva, muito crua, em manchas grossas... Ha-de educar-se com o tempo; e se eu não tivesse a certeza absoluta — absoluta, ouviu? — a certeza absoluta d'isso, não lhe escrevia assim.

Quanto á noção litteraria do *conto,* o que elle seja, parece-me que já lh'o quiz dizer — mas não é possivel fazel-o com a precisão que desejava — n'uma carta que lhe escrevi. Vejo, porém, que a *sente,* como eu; e isso é tudo. Ande-me, pois, para a frente. D'aqui a dois ou tres annos, tenho a convicção de que os seus contos de agora lhe não parecerão o

---

(1) Esta missiva foi a 3.ª que o glorioso contista me escreveu. Está já publicada na colecção de cartas que a senhora Doutora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos prefaciou. *(Autobiografia e Cartas.* Lisboa. 1910. Pagg. 139-141). Como o estava tambem — e na mesma obra, pag. 142 — a carta que na *Limiana* saíu sob n.º XIII e que só por lapso incluí naquela altura e sem esta indicação, que a lialdade exigia. Devêra acompanhar aqui a 3.ª carta, que propositadamente reservava para o fim, por não ser *inédita.*

A carta sôbre as *Campesinas*, tendo aparecido na «Vida Nova», periódico vianense, póde contudo considerar-se *inédita,* pela resumida extracção dêsse tri-semanário local. — J. de L.

que hoje lhe parecem: mas tenho tambem a convicção de que os não regeitará. Modere-se, porém. Olhe que ha a Verdade e a verdade. A Verdade artistica e a verdade real. São as mesmas: sómente a primeira extrae das coisas apenas os seus effluvios, deixe-me dizer assim; e a segunda as copias das coisas. Esta, na maioria dos casos, é grosseira, e anti-artistica. Tudo se quer visto com os olhos, sim; mas depois, ao passar para um livro, tudo deve ser coado pela nossa sensibilidade, e imbuido de nós mesmos... Não sei se me faço comprehender, porque estas coisas sentem-se mais do que se dizem. Abandone o systema, de que por vezes abusa, de *phonographar* o dialogo, e certas ellypses de letras em muitas palavras. O *sentimento* do dialogo é que nós devemos ter; e logo que o tenhâmos, olhe que o ouvido lá vae, instinctivamente, buscar-lhes a forma popular, a forma simples, a forma exacta. Demais, não ha duas pessoas que digam a mesma coisa pelas mesmas palavras: mas podem muitas pessoas dizer, com effeito, a mesma coisa dentro de uma *formula commum,* que é determinada, afinal, pelo sentimento do que pretendem dizer. E' ahi que o artista deve estar, n'esse ponto de convergencia de linhas, já então rectificadas umas pelas outras emittindo a verdade artistica. Percebe-me? Não me sahiu m.to infiel essa imagem, e diz quasi o que eu quero dizer, mas não sei, ainda assim, se o bastante p.a definir a minha ideia. Felizmente que o meu caro Julio de Lemos é um artista, e adivinhará o que eu não sei dizer-lhe. Vá-se, porém, com esta, que lh'a diz quem não costuma mentir: os seus contos são bons; os defeitos que teem, são excesso de boas qualidades. Desprenda-se de falsas ideias de escolas que não passam de mentiras; e já que o meu amigo tem uma grande dóse de originalidade, proclame-a independente, e defenda-lhe, contra si mesmo, essa independencia. Olhe p.a as coisas, commungue-as, e em seguida — reze-as. Isto dir-lhe-hia tudo, se não fosse talvez um pouco abstruso. Não sei. E como tenho que ir p.a a *obrigação,* aqui lhe deixo com os meus agradecimentos (e com este sermãosinho de Frei Thomaz...) um abraço do

Lx.a — Muito amigo

4 março 1897. — TRINDADE COELHO.

Duas dedicatorias [1]

A meu irmão Thomaz:

E' este o primeiro exemplar que sahiu da officina da impressão.

Por todos os titulos te pertence.

Offereço-t'o, pois.

E's mais novo do que eu, e comtudo tens sido para commigo um segundo pae, alêm de generoso e dedicado irmão.

Pensadamente deixo aqui aquellas affirmações, não só para dar ao coração este desafogo de gratidão inolvidavel, mas para que teus filhos ou netos, se lerem isto, fiquem sabendo que, sem o teu encorajamento e generosidade, não seria publicado este livro.

Ha quem, depois da morte, seja lembrado pelas suas riquezas.

Eu sou pobre, e por isso ficarei sempre esquecido.

Penso, porêm, que este livro, aliás sem merecimento, ha de fazer-nos lembrados aos nossos vindouros conterraneos.

A ti, Thomaz, pelo muito que te devo, a minha mais sincera, affectuosa e profunda gratidão.

Dezembro, 31 de 1910. *Narcizo.*

*

A Julio de Lemos:

E' este o segundo exemplar d'este livro, recebido hontem.

Offereço-lh'o. Cumpro um dever, porque o meu caro Julio de Lemos, alêm de valiosa e gentil cooperação, interessava-se tanto como eu proprio pela sua publicação.

Por isso, de par com a minha inolvidavel gratidão, vai, com este exemplar, a minha homenagem ás suas bellas qualidades intellectuaes, primorosas qualidades moraes e disciplinado trabalhar.

Nas primeiras vejo o contista laureado e scintilante publicista; nas segundas, o lidimo cidadão honesto e honrado; e no terceiro, o burocrata desvelado, inteligente e lial.

Em mais de que um lance da minha vida tive a feliz opportunidade de observar, no meu caro Julio, este formoso rosario de prendas pessoais.

Registei-as, e agora deixo falar a consciencia.

Alêm d'isso, outro motivo me determina a deixar aqui aquelle meu juizo.

Vou dizer-lh'o:

Se um dia o Julio de Lemos chegar a formular queixas de alguma injustiça recebida, quero que o seu filhinho, ao ler isto, fique certo e seguro de que um velho, ao fazer o seu testamento — que é este livro — não negou ao pae — ao Julio — a justiça que lhe é devida e bem merecida.

Assim, a interessante e formosa vergontea do seu amor encontrará, no espolio de seu pae, este depoimente escripto.

Muito obrigado, Julio de Lemos, pelos seus favores.

S. C. do Val, em Formariz de Coura, aos 31 de Dezembro de 1910.

Narcizo Cand.º Alves da Cunha.

---

(1) Nos exemplares da preciosissima monografia «No Alto-Minho — *Paredes-de--Coura*» oferecidos pelo grande e saudoso regionalista a seu prezado irmão sr. Tomás Joaquim Alves e ao seu amigo, sinatário desta nota. — J. DE L.

Revista literária pontelimense

Directores:

JÚLIO DE LEMOS E SEVERINO DE FARIA

N.º 12 — OUTUBRO DE 1917

SUMÁRIO:

Edição e propriedade da empresa da LIMIANA — Redacção e administração, Rua da Bandeira, 110, Viana-do-Castelo — Composto e impresso na oficina de José de Sousa, Rua Cândido dos Reis, 31, Viana-do-Castelo.

12-10-1917

Revista literária pontelimense

Directores:

Júlio de Lemos e Severino de Faria

N.º 12 — Outubro de 1917

SUMÁRIO:

Edição e propriedade da empresa da Limiana — Redacção e administração, Rua da Bandeira, 110, Viana-do-Castelo — Composto e impresso na oficina de José de Sousa, Rua Cândido dos Reis, 31, Viana-do-Castelo.

A presente edição da «LIMIANA» é distribuida tardiamente, por eu ter estado enfermo durante muito tempo.

Júlio de Lemos.

Ex.[mo] *Senhor*

V.or Xavier da Cunha

R. de Bartolomeu de Gusmão,

12-2.º

Lisboa

O assinante da «LIMIANA» nada deve a esta Empresa.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Recolhi hontem da „Casa de saude" de Braga, e encontrei a carta obsequiadora de V. Ex.a com o livro em que vejo o meu nome tão relevantemente nobilitado.

Li hoje estas formosas paginas, e notei o progresso que vai do primeiro ao segundo romance. A descripção da montaria é admiravel de verdade e de expressão sempre propria e sobria.

Se V. Ex.a me dá licença, ouso fazer-lhe uma reflexão. O seu estylo carece de ser uniformisado, com um pequeno esforço. Por vezes, resaltam phrases de um puro classicismo, e á volta d'ellas abundam construcções segundo as formulas de Flaubert, de Bento Moreno, Eça de Queiroz, e dos outros que se chamam — ainda não atinei porque — os realistas. Quero fallar dos substantivos ladeados de adjectivos. Isto, que me parece mais anglicismo que francezia, não é nosso; e, sobre tudo, não se amalgama bem com as locuções sinceramente portuguezas que V. Ex.a tão amiude e felizmente usa. Se V. Ex.a quer filiar-se na eschola do Sr. Teixeira de Queiroz (Bento Moreno) seja sempre egual e conseguirá ser sempre brilhante. Eu não reprovo, e até por vezes me deixo seduzir por aquellas novidades.

Mas o que V. Ex.a não pode é ser eclectico, intermettendo dicções seiscentistas no meio desta bella desordem do epitheto e da grammatica.

Releve-me isto; pois que, desde que V. Ex.a me honrou com a dedicatoria do seu livro, me considero obrigado a zelar e esperar a completa florescencia do seu talento.

De V. Ex.a
affectuoso admirador e obrigado

Camillo Castello Branco

[illegible]
S. Miguel de Seide
3 de Junho 77.

(Reprodução tipográfica da carta "fac-similada,,)

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Recolhi hontem da «Casa de saude» de Braga, e encontrei a carta obsequiadora de V. Ex.a com o livro em que vejo o meu nome tão relevantemente nobilitado.

Li hoje estas formosas paginas, e notei o progresso que vai do primeiro ao segundo romance. A descripção da montaria é admiravel de verdade e de expressão sempre propria e sobria.

Se V. Ex.a me dá licença, ouso fazer-lhe uma reflexão. O seu estylo carece de ser uniformisado, com um pequeno esforço. Por vezes, resaltam phrases de um puro classicismo, e á volta d'ellas abundam construcçoens segundo as formulas de Flaubert, de Bento Moreno, Eça de Queiroz e dos outros que se chamam, — ainda não atinei por q. — os *realistas*. Quero fallar dos substantivos ladeados de adjectivos. Isto, que me parece m.s anglicismo que francezia, não é nosso; e, sobre tudo, não se amalgama bem com as locuçoens severamente portuguezas q. V. Ex.a tão amiudo e felizm.te usa. Se V. Ex.a quer filiar-se na eschola de Fr.co Txr.a de Queiroz (Bento Moreno) seja sempre egual, e conseguirá ser sempre brilhante. Eu não reprovo, e até por vezes me deixo seduzir por aquellas novidades. Mas o q. V. Ex.a não pode é ser eclectico, entermetendo dicçoens seiscentistas no meio desta bella desordem do epitheto e da grammatica.

Releve-me isto; pois que desde q. V. Ex.a me honrou com a dedicatoria do seu livro, me considero obrigado a zelar e esperar a completa florescencia do seu talento.

C. de V. Ex.a
S. Miguel de Seide
3 de Junho 77.

De V. Ex.a
affectivo admd.or e cr.o obg.do
Camillo Castello Branco.

Esta carta de Camilo foi pelo egrégio romancista dirigida a Silva Campos, a propósito do 2.º vol. das *Noites de Viana* — «O Assassino», que êsse meu querido camarada oferecêra ao imortal escritor.

Apresentei-a à Academia de Sciências de Portugal na sessão de 1 de Junho de 1913, quando tam preclara corporação comemorava o 25.º ano do suicídio de Camilo, conforme informou o «Diário de Notícias» de 2 daquele mês e ano (a sua apresentação foi tambêm antecipádamente anunciada no n.º dêsse jornal de 28 de Maio de 1913) — e fi-lo estando a mesma ainda *inédita*, pois só veio a aparecer publicada no livro de Vila-Moura, *Camilo inédito*, pag. 86 e seg., um mês depois, conforme a indicação da respectiva nótula gráfica: «**Acabou de se imprimir em 3 de Julho de 1913.....**»

JÚLIO DE LEMOS.

Uma carta de Camilo

Sou convidado a acompanhar com algumas palavras a reprodução em *fac-simile*, reduzido, duma carta de Camilo Castelo-Branco, já publicada por cópia no livro do sr. visconde de Vila Moura — *Camilo inédito.*

O destinatário da carta era o sr. João Caetano da Silva Campos — hoje retirado das letras — que dedicou ao grande romancista, no segundo volume das *Noites de Viana*, um romancezinho intitulado *O assassino.*

A reedição desta carta valoriza-se não só pelo *fac-simile*, como tambêm pelo direito que ela tem a ficar arquivada na interessante revista regional — *Limiana* —, em cujas páginas bem cabem quaisquer memórias atinentes a todo o vale do rio Lima, sem quebra da preferência dada à séde dos pontelimenses.

Desde o seu início, a *Limiana* arvorou a mesma bandeira do tradicionalismo provincial que mr. Raymond Poincaré, actual presidente da República Francesa, tem defendido com entusiásmo nas suas recentes viagens pelo interior da França.

Ainda há poucos dias êste ilustre homem de estado, tomando parte no banquête da *Association Meusienne*, realizado em París, pronunciou um eloquente brinde em que fez o elogio da acentuação provinciana, especialmente do sotaque da Lorêna.

Patrióticamente procedem as nossas provincias tratando de arrecadar com veneração as suas tradições locais e os seus documentos gloriosos.

Bastaria isto para justificar a reprodução na *Limiana* da carta de Camilo, mas acresce a circunstância de que o *fac-simile* põe diante dos nossos olhos um autógrafo, essencialmente literário, do imortal romancista.

Podêmos assim poisá-los na sua clara letra de amanuense — êle o foi aos vinte e dois anos no govêrno-civil de Vila Real — e na sua linda caligrafia de cursivo escolar, em que não há emendas nem entrelinhas, mas apenas alguma daquelas abreviaturas que tão vulgares foram nos manuscritos portugueses ainda no seculo XIX.

Do contexto desta carta ressaltam, a meu ver, dois factos capitais.

O primeiro é a lialdade com que Camilo Castelo-Branco aconselhava os *novos*.

O segundo é a sua impressão pessoal sobre a técnica, e melhor direi, a plástica da escola realista.

Aqui há relances de moderada ironía.

Por exemplo: «dos outros que se chamam — ainda não atinei porque — os realistas.»

Sim, é porque êle, posto não fosse tão longe como Latino Coelho relembrando que o realismo já se encontrava em algum episódio da *Iliada* de Homero, não podia, contudo, esquecer-se de que tinha escrito as *Scenas da Foz*, — aí perto, num encantador arrabalde da cidade de Viana — e, longe do Lima, a *Filha* e a *Neta do Arcediago*.

Quanto à adjectivação dos escritores realistas, isto é, quanto ao *substantivo ladeado por adjectivos*, devo dizer francamente que naveguei na esteira de Camilo, mas que modifiquei até certo ponto a minha opinião.

Essa fórmula, quando arvorada em sistema, é monótona e cansativa.

Empregada com discernimento e sobriedade, quando o substantivo exige picturalmente dois qualificativos, acho-a preferivel, por mais elegante e acentuada, à sequência dêles, jungidos em patrulha um ao outro.

Hoje, encarando o passado com larga serenidade, não se póde negar que a literatura portuguesa deva a Eça de Queiroz a pintura, a côr do epíteto, a noção da luz e da verdade fotográfica na escolha do adjectivo.

Aprendeu isso nos mais cultos escritores realistas da França? Certamente; mas foi êle que nacionalizou o processo.

Digo nos mais cultos escritores realistas da França, porque algum escritor francês houve que foi realista, como por exemplo Paulo de Kock, e que não fazia prosa literária.

Camilo há-de ser sempre um romancista primacial, cada vez melhor apreciado.

O seu estilo é espontâneo e limpido, cheio de individualidade; a sua linguagem proclama a riqueza do nosso vocabulário.

Acusam Camilo de não ter pintado a paisagem. Pois algumas vezes a descreveu em poucas palavras, o que representa uma alta qualidade de condensação.

O que êle soube pintar, como ninguêm mais, foi a alma portuguesa, esta nossa alma sentimental e atormentada, sonhadora e melancólica, submissa e irritável, contraditória e volúvel, que por sua vez parece reflectir a complicada paisagem das nossas várzeas floridas e das nossas serranías negras, do espelho terno dos nossos rios bucólicos e do aspecto tôrvo de outros, caudais e mugidores; das nossas macias praias planas e das nossas falésias altas e desgrenhadas; do nosso maravilhoso céu de safira e da nossa esbraseada charneca triste; das nossas risonhas aldeias brancas e das ruinas lúgubres de antigos castelos e solares desmantelados.

A alma de uma nação, seja a nação grande ou pequena, é sempre uma paisagem dificil de reproduzir.

E Camilo soube pintar a alma portuguesa em quáse duzentos livros, melhor que todos os outros nossos romancistas, melhor que os melhores, acima de todos, sem excepção absolutamente nenhuma — nenhuma.

Sr. Júlio de Lemos: bem ou mal, correspondi ao seu gentil convite, que para mim constituiu um indeclinável dever de cortesia.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1913.

ALBERTO PIMENTEL.

Corrigenda

Pag. 76, linha 32: ler *trevas*, e não *treva*.
» 121, linha 26: ler *beleza*, e não *belezas*.
» 151, linha 6: ler *tida*, e não *tido*.
» 153, linha 9: ler *do Lima*, e não *de Lima*.
» 156, linhas 35-36, nota: ler «*Distrito de Viana*», e não «*Dis de Viana*».
» 170, linha 38: ler *com linguiça*, e não *linguiça*.
» 172, linha 30: ler *estar*, e não *setar*.
» 200, linha 47: ler *signatário*, e não *sinatário*.

Outras erratas escapariam à revisão. O leitor benévolo as suprirá.

ANDORINHAS

Andorinhas, alegre bando alado,
Que nos dias de Abril, já sem neblinas,
Vindes fazer, viajantes peregrinas,
Os ninhos no beiral do meu telhado.

De país bem longínquo e afastado
Mal chegais, sinto em mim, ó beduinas,
Nascer o amor. Entrai nestas ruinas....
Eu vo-las ofereço de bom grado.

E já que a pompa, as honras e a riqueza,
O mundo me arrebata fementido,
Não poderá levar-me, com certeza,

O amor que ao meu havieis correspondido.
Vinde, pois, visitar-me na pobreza,
Que Deus bendiz o ser agradecido.

Severino de Faria.

O Funchal

[Cartas inéditas do Dr. Narciso Alves da Cunha]

V

Funchal, 24 — 9 — 912.

Meu querido am.º

Tive hoje o prazer de receber noticias suas por intermedio do P.ᵉ Leitão, natural da Correlhã, seu am.º (e hoje tambem meu) e professor do Lyceu do Funchal.

Fui fazer-lhe uma vizita.

E' escusado dizer-lhe que elle fallou-me a seu respeito,

como se gosta de ouvir fallar de um amigo querido. Fiquei radiante. Parece que a gente aprecia, com mais carinho, as referencias justas que ouve fazer a respeito d'aquelles que nos são caros, quando estamos distanciados d'elles.

E' curioso.

Quem não sabe da sua probidade e modestia, meu amigo? E, comtudo, as palavras do P.^{e} Leitão tiveram um sabor especial, mesmo quando me contou a minudencia do encontro dos dous.

Deixando isto: sabe que encontro, na ethnographia popular da ilha, traços, linhas caracteristicas do nosso povo minhoto, pelo que toca a romarias?

E' interessante. Aqui, como lá, os rapazes levam as suas violas, as suas harmonicas, para a romaria, e as raparigas (é ponto obrigado) o seu farnel.

No arraial, ha a *muzica*, o fôgo, a illuminação e as bandeiras; o vinho, o pão, as carnes guisadas, etc., etc., comesaina, para negociar.

No proximo 8bro, se o mar o permittir, conto ir ver uma grande romaria, que se faz em Machico, n'aquelle mez. Dezejo observar este caso, que é interessante.

— Ha 3 dias q. está fundeado aqui um vapor de recreio — o *Mantua* —, que segue das Canarias p.^{a} Gibraltar, Mediterraneo e, dep.^{s}, Inglaterra. D'aqui, como calcula, forasteiros, em barda, de ambos os sexos — inglezes e allemães — cá pelo Funchal.

— Hontem *libei* vinho da Madeira, de 100 annos!

Que nectar!

Muitas saudades.

NARCIZO.

VI

Meu querido am.^{o}

Como tem passado de saude? E a sua boa Licinia? Essa, como é m.^{to} legitimo, sempre solicita e atarefada com o Miguel, não é assim? E, não só com elle, mas com o meu caro Julio de Lemos. Estou a vêl-a, dando ordens á creada para confeccionar o almoço, o jantar, o chá da noute..., p.^{a} ir ás compras e designar-lhe este artigo, aquelle, aquell'outro;

e mais esta hortaliça, porque o Julio gosta, e mais este pacote p.ª o Miguel, porque é m.to efficaz para o desenvolvimento osseo das creanças: e, depois, substituir, por lavada, a roupa das camas, e mandar lavar a enxovalhada...; e, ainda depois, contal-a e designar a que ha de ir para a engommadeira, porque o Julio precisa de camisas de flanella, q. são mais quentes e apeteciveis com o mau tempo q. está fazendo, ou de colarinhos e peitilho engommados, porque tem de fazer uma vizita; e, depois, é preciso fazer camisitas, novas, para o Miguel, porque tem crescido muito, e bébétes, e passar tudo a ferro, como é proprio de quem, como a Licinia, sabe ser dona de casa, esposa e mãe, porque a esta funcção do *ménage* são chamadas todas aquellas *nuances* (vá mais este gallicismo) da attenção e exercicio espiritual ou intellectual da mulher...: e, depois, não descurar a propria *toilette,* conservar limpa e arranjadinha a que se tem; mesmo modificar, pelas proprias mãos, alguma peça de vestuario, porq. o Julio trabalha muito, já ha um filho, e porisso cumpre não ser exigente, mas harmonisar a limpeza e aceio da modestia, que tão bem ficam em toda a parte, com as razoaveis e justas circunstancias do *meio,* da posição social...; e, depois, a educação do Miguel, formar-lhe o coração, velar por essa obra sublime, mas difficil e complexa, d'onde ha de sahir o caracter. E, depois... Ah! meu querido am.º, este *depois* é o trabalho de todos os dias, de todas as horas, de toda a vida, para a mulher que quer e sabe ser esposa e mãe.

A resenha q. ahi fica, é curta e m.to incompleta, porque o muito que falta é o segredo d'ellas — da esposa e da mãe.

Agora pergunto: e o *feminismo?* A leitura, diaria, da obra, da brochura, da gazeta; o romance, a novella, a sociologia, o direito, a mathematica, a historia...

Dep.s d'este longo aranzel, tão insipido na forma, que não na essencia, ahi vai a razão d'elle.

Ha dias fallei, aqui, com uma Senhora ingleza, q. passa no Funchal parte do anno, e p.te em Londres. E' intellig.te, casada e tem filhos. Abordei, timidam.te, o assumpto do *suffragismo* inglez e procurei filial-o no *feminismo* philosophico.

Meu caro: protestou, logo, dizendo-me que o *feminismo* seria uma fatalidade p.ª a m.er ingleza, que é essencialm.te

pratica e desprendida de *meios facticios* (note), como é o do *feminismo,* que não passa de uma creação, mais ou menos generosa, apesar de se lhe pretender dar uma feição de justiça; que esta *creação* é, realm.te, seductora no *papel,* mas que, no lar domestico, seria ou uma *utopia,* ou a destruição do melhor templo das affeições boas. Que (é ainda ella que falla) o *suffragismo* tem uma corrente importante, na Inglaterra, mas está muito longe de ser uma conquista, embora a mulher ingleza esteja, pela sua educação, eminentemente pratica, em caminho de se poder manifestar *em questões de administração publica.* Mas isto m.mo seria deslocal-a da sua funcção insubstituivel — a funcção do lar.

Perante este discurso, tão caracteristico, que bem revelava um espirito superior e conhecedor do feitio da raça, ainda lhe observei, mais timidam.te ainda, q. a m.er do futuro tinha de reclamar e reivindicar, p.a si, uma *situação, tanto q.to possivel, egual á do homem.*

Sabe a resposta d'ella — da ingleza —? Confesso-lhe que entupi...

Instruir a m.er não é uma reivindicação, é um dever do homem: dar-lhe situação egual á d'elle, seria possivel, *mudando-lhe o sexo.*

Adeante: tenho mais sobre que tagarelar.

Ha dias entrou na bahia do Funchal, e aqui se conserva, o cruzador allemão — «Herta». Traz a bordo guardas-marinhas, p.a instrucção.

A equipagem é de 600 e tantos homens. Ao passar em frente do ilheu da Pontinha (hoje ligado á terra), onde está o pharol e todos os dias se hasteia a bandeira portugueza, salvou á terra e á bandeira, caminhando sempre. Foi bonito e agradou-me. Mais do que isso: emocionou-me profundamente. Era a bandeira da patria — uma bandeira limpa, historica, secular (não nas cores) — que o cruzador d'uma grande nação saudava, porque n'esse pequeno retalho de estofo, ainda se póde ler a santa palavra — *independencia,* que, se não fôra ella, o potentado allemão ficaria calado, silencioso, mudo.

Ah! meu querido amigo, e lembrar-se a gente de q., ainda ha bem pouco tempo, uns castrados da patria tentaram uma guerra civil, para não termos a gratissima consolação de

proclamar, a todos os ventos, que somos uma nação pequena, mas *independente!*

— Hoje, fundeou um couraçado russo — o «Rossia» —. Ceremonial, á entrada, o m.mo.

Duas palavras, a proposito da marinhagem das duas poderosas nações.

O marinheiro allemão é disciplinado, instruido e bem educado. Não vai ás bodegas, mas faz, nos suburbios da cidade, os seus pic-nics, com officiaes superiores á frente, mas em respeitosa liberdade, e entram na cidade, em fórma e cantando canções patrias. O allemão é entroncado, forte, espadaúdo e a sua fisionomia não desagrada. E' frequente, em qualquer grupo d'estes marinheiros, verem-se uns poucos, bastantes, ás vezes, sobraçando *kodaks*, o que, aliás, revela instrução.

Dos russos, pelo emq.to, só me posso referir ao seu organismo physico. São altos, fortes, louros e de feições correctissimas. Chegam a ser formosos. No sexo forte nunca vi homens tão bellos. O couraçado russo, como o allemão, tambem traz guardas-marinhas. Encontrei, á noute, cinco d'estes bellos rapazes a jantar no hotel Galden Gate, onde estive hospedado e aonde ainda vou todos os dias. Muito gostei de os ver tão bem postos, porq. o fardamento é muito elegante.

— Tambem já tive occasião de ver aqui, durante 8 dias, os marinheiros norte-americanos. São uma *choldra* m.to ordinaria *em tudo*. Refilões, malcreados e ébrios. A cada canto da cidade levavam bordoada dos naturaes.

— No dia 2 do corrente, dei um passeio maritimo pelo oeste da ilha.

Vi maravilhas naturaes, e vi abismos horrorosos, assim como observei o criminoso abandono a que tem sido votados portos de desembarque e embarque, q. dão communicação para freg.as importantes e fertilissimas do interior, incluindo uma estação de turismo, m.to frequentada por inglezes.

O passeio durou 10 horas, em vapor, sem saltar em terra. Foi-me companheiro e *cicerone* um negociante, por grosso, de mobiliario de vime, m.to amavel e hoje meu amigo. E' rico e tem, alem d'outras na Madeira, uma casa e terras na proxima ilha de Porto-Santo.

Convidou-me para irmos lá; mas, com o receio de ficar

ahi preso 8 ou 15 dias, p.^{s} não ha carreira regular, não estou resolvido a ir ver a unica praia de *areia branca* que ha por estas paragens.

Os habitantes de Porto-Santo, disse-me o meu companheiro, são uma transição do preto para o branco... na *indolencia.*

O Porto-Santo é a unica estação balnear que ha por aqui e é regularmente concorrida de madeirenses. O solo produz uva magnifica, trigo, hortaliça, fructos e caça, de que vem grande parte para o Funchal.

Pois, meu bom amigo, o porto está conforme o encontrou Gonçalves Zarco, q., em 1419, descobriu a ilha. O trasbordo, da canoa p.^{a} a praia, faz-se ás costas do nosso semelhante, porq., desde então até agora (e já lá vão quasi cinco seculos) ainda não houve um rei, um governador, um portuguez, um homem, um diabo, que lá mandasse collocar meia duzia de pedras, para se sahir da canoa a pé enxuto!

Que me diz a isto, amigo?

No Senado fallaremos, se eu lá fôr.

— Outra... maravilha portugueza. Já por trez vezes, desde que aqui estou, vieram a terra command.^{tes} de navios de guerra extrangeiros cumprimentar as auctoridades portuguezas — o Governador militar e o Governador Civil; e, dos respectivos navios, vieram os officiaes extrangeiros em lanchas a vapor, ou a remos, suas, da sua nação. Pois as nossas auctoridades, para irem a bordo retribuir estes cumprimentos, *aliás, em nome da Nação,* tem de fretar lancha, *á sua custa,* ou... *alugal-a!*

E' triste e deprimente, não acha, meu caro Lemos?

Veja que, com poucas centenas de mil réis,. nos punhamos a coberto d'esta vergonha. E, comtudo, este é o facto.

Tambem, no Senado, hei de fazer o meu protesto. E' triste, e, ao mesmo passo, causa indignação.

Meu querido: vou terminar, porque já é tempo de o deixar sahir d'este purgatorio com que o tenho torturado. Desculpe-me.

M.^{tas} saudades á Licinia e m.^{tos} beijos ao rapaz.

Saudosamente o abraça

O seu velho e grato am.º

Funchal,
3—10—912.

NARCIZO.

VII

Meu querido am.º

Nove horas da noute.

Chego do mar, da bahia do Funchal, aonde fui de vizita a um vapor de recreio, de 15 mil toneladas, que leva rumo a Gibraltar.

Ceu azul, bem azul: d'aquelle azul enamorado, scintillante, que nós—minhotos—tão bem conhecemos e apreciamos, mas que, na Madeira, com latitude já africana, não é frequente. Lua quasi plena, espelhando-se, descuidosa e palida, n'este grandioso espelho de prata, de superficie suavemente encrespada—a bahia do Funchal. Muitos fócos de luz, na terra e no mar, dando a impressão de duas cidades, intensa-m.te illuminadas, uma terrestre, e outra fluctuante, destacando-se n'esta grandes palacios, de muitos andares, com centenas de janellas, cujos vidros deixam coar, para fóra, a luz offuscante de muitos fócos electricos. Em redor, observam-se como que umas casitas, m.to modestas, de luz bruxoleante, que parece viverem protegidas e amparadas pelos *senhores* da vizinhança.

E o escaler da alfandega, castigado por quatro remos, lá vai vogando, silenciosamente, em direcção a um d'esses palacios, levando-me, assentado á ré. O ceu continuava azul, e as estrellas parece q. olhavam para mim, espionando o meu trajecto maritimo, feito á hora em que se entra para os salões, para os bailes e para os theatros.

O pequenino escaler atraca, balanceando-se, ao colosso. Um remador salta para a escada de portaló, com a agilidade de quem tem o treino das ondas, dá-me a sua mão para auxiliar as minhas pernas emperradas, e eis-me dentro do palacio.

Uma algaravia ensurdecedora assalta-me de todos os lados. A confusão das linguas, em Babel, talvez fosse assim.

Entro n'um extenso corredor, aceado, com m.tos metaes

reluzentes, e com muitos quartos lateraes, alguns de portas abertas, onde vi toilettes de senhoras, banheiras para todo o corpo, barbearias, corredores transversais, muita luz, muita mulher alta, mais altas do que as portuguezas, algumas bem postas e elegantes, e outras pouco menos do que caraças de proa...

Depois, subi um lanço de escadas, entrei n'outro corredor, fui ter a um *largo*, d'onde via o ceu, as estrellas, a lua, e na minha frente estava uma porta, de ferragens prateadas e no pavimento um tapête, de grande espessura, q. dava passagem para o interior. Entrei. Era um salão enorme, quadrangular, com muitas mezas, com cadeiras estofadas em redor de cada uma, luxuoso, com mobiliario apropriado, offuscante de luz branca, intensa, e n'esse salão, que, no tamanho, era uma praça de boas povoações, havia vigas q. supportavam o tecto, em esteira, e estavam douradas...

Era a sala de jantar dos turistas de 1.ª classe.

Bello! surprehendente, singularmente confortante, phantastico!...

Na 3.ª classe... iam *seiscentos gregos*, que se dirigiam á sua patria, para... se baterem por ella, contra a Turquia. Iam para a guerra, para a maldita guerra.

Pois bem, meu querido Julio de Lemos: estes homens, estes patriotas, que deixavam os seus misteres, talvez o pão de suas mulheres e filhos, iam para a guerra... na 3.ª classe do palacio!

Os que fomentam e alimentam guerras, talvez fossem refastelados nas *chaise-longues* das suas largas e luxuosas *cabines*.

Porisso... sahi triste do palacio, amaldiçoando a guerra.

No seu formoso Miguel, formoso, no phisico e no intellecto, m.tos beijos; á boa Licinia m.tas saudades.

Affectuosam.te o abraça o

Seu am.º velho
m.to grato

Funchal,
20-10-912

NARCIZO.

VIII

Meu querido am.º

Porque foi muito intensa a impressão que os legionarios gregos, de q. lhe fallei na minha ultima, aqui deixaram, remetto-lhe dous n.ºs do «Diario da Madeira», p.ª formar o seu juizo.

Assisti áquella p.te passada no «Galden Gate», onde estive hospedado, e a outra, em q. um sargento grego, n'um pequeno (1) proximo do caes, fallou, em inglez, a m.tos dos seus companheiros.

Nada sei de inglez, mas um am.º, que estava presente, ia-me servindo de lingua.

O final do discurso d'este patriota grego aos seus patricios foi este: «faço votos porque a nossa patria fique victoriosa e — *risonha como este ramo de flores, que tenho na mão, colhido n'um paiz latino*». Este orador tinha, effectivam.te, na mão um ramo de flores, q. aqui lhe foi offerecido.

Os voluntarios gregos não eram 600, como lhe disse, mas 800.

Tambem vi uma mulher grega, q., pelo traje, se me afigurou pertencer á classe trabalhadora. Não era uma belleza, mas as linhas do rosto eram esculpturaes.

— Tenho por companheiro de casa o sr. Jacintho Simões, professor das escolas moveis.

Vinha da missão de Vianna e fallou-me do meu caro Julio de Lemos.

Como eu fiquei contente e jubiloso!

M.tas saudades á Licinia e beijos ao Miguel.

Um saudoso abraço do

Seu am.º aff.º
m.to grato
Narcizo.

Funchal,
23-10-912,

---

(1) Nota da Redacção:

Há aqui, evidêntemente, falta de qualquer palavra, o que se explica por ter o autor virado de fôlha.

IX

Meu querido am.º

O meu caro Julio de Lemos decerto já está enfastiado de tanta carta que lhe escrevo, porque chego a ser importuno. São caturrices de velhos, e para estes sempre deve haver indulgencia.

Sabe ao que venho? E' dizer-lhe que estou em Lisboa desde o dia 13, ás 7 horas da noute. Sahi da bahia do Funchal, a bordo do «Beira», em 11, ás 4 e 20 minutos.

Uma viagem de quasi 51 horas, quando os vapores inglezes e allemães a fazem em 36!

E' verdade que o mar estava um pouco picado e o vapor tinha nordeste pela proa.

Em todo o caso, mais uma vez escapei, incolume, aos incommodos do enjôo, do que não se poderam gabar os meus companheiros de camarote, nem m.tos outros passageiros.

— Sabe que me tenho lembrado muitas vezes d'aquelles patriotas gregos, de q. lhe fallei, e q. tanto me impressionaram no Funchal?!

Sempre que leio noticias da guerra dos Balkans, tambem as desejava ter d'aquelles benemeritos.

— E o seu Miguel continúa a maravilhal-o, não é verdade? E' preciso que o seu desenvolvimento physico acompanhe o precoce desenvolvimento mental.

Demais, nada receie.

M.to desejava vêl-o agora.

Dê-me o prazer das suas noticias e dos seus.

M.tas saudades á Licinia e beijos no rapaz.

Lisboa,
16-11-912.

Seu do coração

NARCIZO.

TÁBOA

GRAVURAS